

J.B.E.C.C.

Sub-Comissão Catarinense
de Folclore

Boletim Trimestral



SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Séde provisória:

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA

REDAÇÃO DO BOLETIM:

OSWALDO R. CABRAL — Diretor

Rua Esteves Júnior, 138



CAPA de Martinho de Haro

LETRAS de Péricles Silva

Impressão da IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO



Distribuição gratuita

BOLETIM TRIMESTRAL

DA

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

I. B. E. C. C.

N. 4

Florianópolis, Junho de 1950

Ano I

BIBLIOTECA PÚBLICA / S.C.

SEÇÃO SANTO CATARINA

Clas.: —

NESTE NÚMERO:

Reg.: 073

Data: 12.06.50

Pág. 3

EDITORIAL

As recomendações de Renato de Almeida 5

OTHON D'EÇA — Arte é emoção — (discurso) 7

NOTICIÁRIO 11

TRABALHOS ORIGINAIS:

SOCIOLOGIA DO FOLCLORE — Walter Spalding .. 20

O MONGE — Euclides José Felipe 22

OS SANTOS NO CALENDÁRIO NEÓTRENTINO —

Walter F. Piazza 32

SUPERSTIÇÕES E CRENDICES — Lucas A. Boiteux 35

BANDEIRA DO DIVINO — Plácido Gomes 37

VOCABULÁRIO DE CONSULTÓRIO MÉDICO —

Oswaldo Cabral 38

INQUÉRITOS:

Pelos Municípios catarinenses — CRENDICES E SU-

PERSTIÇÕES — Departamento Estadual de Es-

tatística 40

FLAGRANTES FOLCLÓRICOS:

ALEGRIA TRISTE E TRISTEZA ALEGRE — Ilde-

fonso Juvenal 42

UMA SIMPATIA QUE TEM DADO CERTO — Zedra

P. da Silva 44

NOTAS E FATOS:

CETRA, FUNDA, BODOQUE E BALADEIRA — Flo-

rival Seraine 46

NOTAS DE FOLCLORE — Redação 48

MEMBROS DA SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE

FOLCLORE 50

CORRESPONDENTES MUNICIPAIS DA SUB-COMISSÃO 51

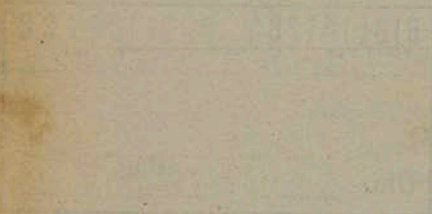
BOLETIM TRIMESTRAL

III

SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO

1953

Publicação mensal - Volume 1 - Número 1



É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

* * **REUNE** a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, neste momento, os fundos necessários para a organização da sua discoteca.

Com efeito, para completar o documentário dos fenômenos folclóricos catarinenses já não nos satisfazia apenas o registro gráfico dos mesmos, a sua crítica e a sua divulgação neste Boletim. Necessitávamos completá-lo com o registro fonográfico dos aspectos folclóricos, para que melhor pudessem ser apreciados.

Fácil será compreender que o registro gráfico não pode assinalar certas particularidades, certos **nuances**, certas tonalidades que só a gravação sono-elétrica permite registrar. Cada zona do Estado modula o seu falar de maneira diversa. Como registrar, pois, gráficamente, todas estas diferenças, no falar, no cantar, no tocar os instrumentos? Não seria possível, dentro da pauta, com um número limitado de sinais, consignar o contingente individual, perceptível na execução de uma simples melodia ou na vocalização de um canto.

Renato Almeida, assistindo de perto à execução da "**orquestra**" que acompanhava à representação de um "**Boi de Mamão**", dansando em homenagem à sua pessoa, aqui em Florianópolis, ficou encantado com os **trêmos** finais com que ia **morrendo** a orquestração, ao terminar a dança dos figurantes, como se o conjunto se tivesse afastado, a pouco e pouco, como se fôsse fazendo ouvir-se cada vez de mais longe.

Registrou nos seus apontamentos esta particularidade, para êle inédita. Mas, seria possível, gráficamente, assinalar tal particularidade?

Seriam, ainda, registráveis as tonalidades dadas pelos cantadores aos versos do auto folclórico?

Impossível.

Por isso resolvemos registrá-los sonoramente.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, atendendo à sugestão da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, adquiriu um gravador e o Departamento Estadual de Estatística esforça-se por conseguir um segundo aparelho para a gravação em discos.

Com a cooperação destas duas entidades, logo estará a Sub-Comissão Catarinense, cujos fundos se originam no auxílio mensal que lhe concedeu a Prefeitura Municipal, em condições de dizer que as-

sim não se perderão as excelentes e tradicionais manifestações da alma popular catarinense.

Mais tarde virão os filmes, para completar, então, os registros.

Para tanto, não ignora a Sub-Comissão que terá de vencer novos obstáculos, principalmente para a obtenção dos fundos necessários a êstes empreendimentos. Mas já não venceu ela tantos outros, para realizar o que vem realizando?

Será, portanto, mais um incentivo a animar a tenacidade de quantos se interessam por êste assuntos.

E tem sido todos bem pagos e satisfeitos com os aplausos que de todas as partes do país lhes chegam — pois não consideram o seu trabalho um divertimento. Mas por que estão seguros de que realizam uma obra útil e patriótica, a compreensão manifestada por todos é o prêmio que esperavam e que, mercê de Deus, lhes tem sido concedido sem usura.

A visita do Sr. Renato Almeida à Sub-Comissão Catarinense de Folclore

(Resumo das palavras que dirigiu aos Membros da Sub-Comissão, constantes da ata de 9 de outubro e transcritas no Boletim por proposta do sr. Custódio de Campos).

“O Sr. Renato de Almeida iniciou a sua palestra apresentando saudações aos confrades de Santa Catarina, aos quais fez sentir o carinho com que a CNF vem acompanhando as atividades folclóricas desenvolvidas neste Estado. Após congratular-se com o DEE. pelo valioso apóio que vem prestando á tarefa da SCCF, referiu-se ao aparecimento do BOLETIM TRIMESTRAL, cuja iniciativa elogiou, passando a dissertar sôbre a metologia dos estudos folclóricos. Em síntese, foram as seguintes as suas palavras.



— “É preciso, antes de tudo, atendam quantos se dedicam aos estudos folclóricos para o seguinte enunciado: o trabalho de pesquisa e análise das manifestações populares deve ser obra de equipe tarefa de cooperação e nunca cometimento isolado.

Por outro lado, ha que fixar com fidelidade o fato social. Uma tarefa muito importante para os estudiosos catarinenses será a caracterização, de maneira definida dos estudos morfológicos, linguísticos e musicais, das afinidades exatas com o folclore açoreano. Aliás, esta análise hoje encontra clima favorável, se considerarmos as ótimas condições propiciadas pelo recente Congresso de História realizado nesta Capital. Convém contudo, não esqueçamos que, na atual fase do estudo folclórico no Brasil, o de que precisamos é de material, de levantamentos, coletas, e não de conclusões. Após levantado material suficiente, será possível chergarmos

às conclusões. Estamos, ainda, na infância das pesquisas folclóricas e precisamos ter muito cuidado com as conclusões. Esbarramos a cada passo com “surpresas” no campo do folclore. Não sabemos como estão perdurando certos aspectos folclóricos no Brasil. Qual a sobrevivência da modinha entre nós? O material, em verdade é escasso. Precisamos, a todo transe, salvar quanto fôr possível. Escrevamos sempre tudo quanto soubermos, na ocasião em que o fato chegue ao nosso conhecimento. O imediato registro oferece menor margem de erro. Outra consideração de grande valor: FOLCLORE NÃO É LITERATURA. É ciência social, capítulo de etnografia. É pesquisa organizada que precisa ser tratada cientificamente. Menos literatura e mais precisão — eis o lema da CNF. Evidentemente, esta precisão está a exigir meios que ofereçam segurança meios de registro mecânico, capazes de reprodução fiel. Evitemos o lirismo, o romance. Façamos ciência e não novela; os trabalhos que vindes desenvolvendo são de ótima qualidade e atestam o devotamento que sabeis consagrar às coisas do nosso patrimônio cultural. A guarda da continuidade nacional e a defesa do que somos são os patrióticos objetivos dos estudos folclóricos, que velam pelas legítimas fontes de inspiração do espírito popular brasileiro.”

NOTA: — O resumo acima foi feito pelo Sub-Secretário e não foi revisto pelo orador.

Interesse-se pelo nosso folclore. A Sub-Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.

“... Folclore não é simples estudo recreativo. É método demopsicológico de análise do inconsciente das massas”.

ARTUR RAMOS
(Folclore Negro no Brasil)

Arte é Emoção

(Discurso pronunciado pelo sr. Othon d'Eça apresentando o Ministro Renato de Almeida em nome da Academia Catarinense de Letras por ocasião da conferência realizada na Faculdade de Direito pelo Presidente da C. N. F.).

Sob o signo ilustre de V. Exa., sr. Renato de Almeida, a Academia Catarinense de Letras recomeça hoje o seu labôr de colméia, interrom-



pido por circunstâncias impoderáveis; retoma o seu lugar na vanguarda no movimento cultural de Santa Catarina, de que é, sem dúvida, a expressão mais culminante e mais disciplinada.

Volta, assim, o velho sodalício que Boiteux fundou, à vida ativa e coordenadôra, no instante em que um homem de pensamento vem revelar o espírito anônimo do povo, indo buscar, ao garimpo do folclore, as belezas esquecidas pelo tempo e talhadas pelas forças tetúricas da terra.

Meus senhores e minhas senhoras:

Apresentando a tão selêto auditorio o sr. Renato de Almeida, em nome da instituição que tenho a honra de presidir, não farei biografia nem me demorarei a estudar cada uma das facêtas em que está lapidado o espírito dêsse brasileiro ilustre e singular.

Diplomata, homem de letras, presidente da Comissão Nacional do Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas, êle tem sido, na via intelectual do Brasil e do hemisfério, uma das suas mais nobres e fortes palpitações.

É a alma da terra bravia e linda transfundida na alma da gente forasteira.

A suave ternura, o dôce fatalismo de três raças tristes, florescendo e cantando, entre árvores amigas, sob a claridade amorosa das estrelas !

Aquele fatalismo e aquela ternura dolorosa que vive nestes versos, que eu colhi, como uváia agreste, no inexplorado folclore da região serrana de Santa Catarina:

Naquele dia infeliz,
Que a sorte nos separou,
As pedras choraram sangue !
O sol tremeu e parou !

Ou êstes outros que embalaram e ainda embalam o cancionero anônimo do pescador ilhéu:

Soidade — sino dobrando
Em tardes de procissão !
Cantiga morta que vive,
No búzio do coração !

Ou, ainda, esta quadra alegre e triste, cantiga de amôr e de carinho ao pernalta humilde que, no verão, quando o crepúsculo vem descendo das montanhas para ir se aninhar no aconchêgo dos vales, canta entre os canaviaes:

Maçarico morreu hontem,
E hontem mesmo se enterrou:
Na cóva do maçarico,
Muita menina chorou !

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore receberá, de bom grado, qualquer contribuição que possa interessar ao seu museu especializado, ora em organização.

Coopere para a conservação das nossas mais belas tradições, prestigiando a organização dos autos populares do ciclo de Natal e Reis.

NOTICIÁRIO

ATIVIDADES DA SUB-COMISSÃO

ATAS DAS REUNIÕES:

Reunião de 14 de janeiro: Presentes os Membros — Oswaldo R. Cabral, secretário geral, Almiro Caldeira de Andrade, sub-secretário, Alvaro Tolentino de Sousa, Roberto Lacerda, Plínio Franzoni Jr., Oswaldo Melo Filho, Custódio de Campos, Pedro José Bosco, Walter Piazza, Vitor A. Peluso Jr., José Cordeiro, Idefonso Juvenal, Doralécio Soares, Bento Aguedo Vieira, Ruben Ulisséa e Pedro Taulois, este representante do CAM. — Expediente: Cartas de Félix Coluccio, de Buenos Aires e Euclides José Felipe, de Curitiba. — Comunicações: Oswaldo Melo Filho comunicou ter viajado com o sr. Giovanni P. Faraco, por determinação do D. E. E. para o norte da Ilha de Santa Catarina, afim de coletar elementos indispensáveis a uma monografia que o D. E. E. pretende publicar sobre os TERNOS DE REIS. — Proposta do sr. Custódio Campos de que fosse extraída da ata da sessão anterior o resumo da palestra aqui realizada pelo sr. Renato Almeida para ser distribuída entre os membros da Comissão e correspondentes. O Secretário geral propôs que fosse a mesma publicada no Boletim, o que foi aprovado, depois de haver com a emenda concordado o membro proponente. — O Des. Henrique Fontes, por enfermo, não compareceu, tendo feito uma comunicação telefônica em que solicitava fosse votada moção de congratulações pelo retorno dos Estados Unidos do confrade Vitor Peluso Jr. e pelo resultado dos seus esforços em procurar adquirir um aparelho de gravação. — O sr. José Cordeiro propôs e foram aceitos unanimemente correspondentes: em Brusque, o sr. Lauro Müller e em São Bento a sra. Aida Moeller. O sr. Idefonso Juvenal propôs para correspondente e foi aceito por unanimidade, em Urussanga o sr. João Caruso Mac Donald.

Reunião de 10 de abril: — Presentes: Oswaldo R. Cabral, secretário geral, Almiro Caldeira de Andrade, sub-secretário, Alvaro Tolentino, Henrique Fontes, Nunes Varela, Vitor Peluso Jr., Emanuel Peluso, Doralécio Soares, Cap. Jaldir Faustino da Silva, Idefonso Juvenal, Oswaldo Melo Filho, Custódio de Campos, Cláudio Ferreira, Zedar Perfeito da Silva. Expediente: — cartas de Renato Almeida, Alceu Maynard Araujo e da Comissão Espírito-santense de Folclore. — Balancete acusando um saído em caixa de 645 cruzeiros. — O Secretário geral apresenta à casa e sauda o sr. Professor Nóbrega da Cunha, que visita o nosso Estado, educador, homem de ciência folclorista de renome, membro da ONU. — Comunica à casa ter obtido o auxílio de mil cruzeiros mensais da Prefeitura Municipal tendo sido já recebido o primeiro mês. Idem ter conseguido na Imprensa Oficial do Estado a impressão do Boletim. Registra os seus agradecimentos aos srs. Tolentino de Carvalho, Prefeito e Batista Pereira, Diretor da I. O. E. — Eleição para o cargo de tesoureiro, tendo sido aclamado, por proposta de Almiro Caldeira o confrade Walter Piazza. Distribuição: ao Des. Henrique Fontes a comunicação "O DESAFIO", enviado pelo correspondente sr. Euclides José Felipe, cujo trabalho de pesquisa e coleta é elogiado pelo Secretário Geral e destacada a sua ativa cola-

boração com esta Sub-Comissão. — Com a palavra o Prof. Nóbrega da Cunha discorreu o mesmo brilhantemente sobre o folclore e a sua importância, terminando por encarecer valor do próximo congresso a se realizar no Rio de Janeiro, em agosto do corrente ano. O Des. Henrique Fontes prestou alguns esclarecimentos sobre a obra da nacionalização do ensino em Santa Catarina, referida na sua palestra pelo prof. Nóbrega da Cunha. — Comunicações: — Zedar P. Silva leu o seu trabalho "UMA SIMPATIA QUE DEU CERTO". Custódio de Campos sugere uma colheita geral de vocabulos regionais para que se possa compor futuramente um vocabulário catarinense, o que foi aprovado. Antes de encerrada a sessão foi feita uma audição do material folclórico já colhido em gravação.

CONCURSO DE MONOGRAFIAS FOLCLÓRICAS

A Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo abriu um concurso de Monografias Folclóricas.

São as seguintes as indicações que damos aos nossos confrades para que possam concorrer, se o desejarem, ao aludido concurso:

Assunto de livre escolha, as monografias deverão ter 30 páginas mínimas, papel de ofício, dactilografadas em 2 espaços, de um só lado, em três vias; deverão ser inéditas, originais, na língua do país; os autores assinarão os trabalhos e indicarão a sua residência; cada autor não poderá apresentar mais de um trabalho; os trabalhos deverão estar em São Paulo até o dia 31 de outubro.

Serão distribuídos os seguintes prêmios:

1º, de 13 mil cruzeiros e cem separatas; 2º, de 7 de mil cruzeiros e cem separatas; 3º, 4º e 5º menções honrosas, apenas as cem separatas.

Enderêço: — DISCOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA — Rua Florêncio de Abreu, 157 — 9º Andar.

PATROCINANDO OS FOLGUEDOS FOLCLÓRICOS

A Prefeitura Municipal de Vitória (Espírito Santo) promulgou uma Lei decretada pela sua Câmara, autorizando o Executivo Municipal a "patrocinar toda e qualquer representação de folguedos populares tradicionais de caráter folclórico que for levada a efeito na Capital". A Lei, que recebeu o n. 91, é datada de 7 de novembro do ano passado e foi sancionada pelo Exmo. Sr. Prefeito daquela Capital, Dr. Alvaro de Castro Matos. O Autor do projeto apresentado à Câmara Municipal de Vitória foi o Vereador Hermógenes Lima da Fonseca, Membro do Centro CaPixaba de Folclore.

GENTILEZA

O jornalista Martinho Calado Júnior, redator do matutino "A GAZETA", que se edita nesta Capital, teve a nimia gentileza de colocar as colunas do seu jornal à disposição dos Membros da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, para a publicação dos seus trabalhos.

Assim, os nossos confrades podem ver os seus trabalhos, além de publicados no nosso Boletim, estampados num jornal de grande circulação. Os artigos e comunicações deverão versar sobre assuntos de folclore, a indicação de que seus autores pertencem à Sub-Comissão deste Estado e ser dirigidos ao jornalista Martinho Calado Júnior, Redação de "A GAZETA", rua Conselheiro Mafra, Florianópolis.

A Sub-Comissão expressa ao distinto confrade os seus agradecimentos pela gentileza do oferecimento.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

Deverá reunir-se ainda este ano, no Rio de Janeiro, o 1º Congresso Brasileiro de Folclore, sob o patrocínio da CNF. A proposta da realização do Congresso partiu do sr. José Calasans, da Sub-Comissão Bahiana de Folclore.

Serão discutidos importantes assuntos referentes ao folclore nacional e medidas para a sistematização do seu estudo, tendo o sr. Renato de Almeida, Secretário Geral da CNF sido autorizado a tomar todas as providências para a realização do Congresso.

SUB-COMISSÃO FLUMINENSE DE FOLCLORE

Instalou-se a 12 de janeiro do corrente ano, em Niterói, a Sub-Comissão Fluminense de Folclore. A Secretaria Geral da nova entidade ficou a cargo do dr. Ruben Falcão.

NOVA REVISTA DE FOLCLORE

Estava programado para março o aparecimento de uma nova revista folclórica, órgão do Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade, de São Paulo. A nova revista chamar-se-á FOLCLÓRICA.

CURSO DE FOLCLORE

A Faculdade de Filosofia da Bahia creou um curso de Folclore, tendo o mesmo ficado a cargo do folclorista José Calasans.

TEATRO FOLCLÓRICO

Estreou no Teatro Gnástico Português do Rio de Janeiro, o Teatro Folclórico, que obteve um grande êxito.

BOLETIM DE FOLCLORE

O Departamento de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, sob a direção do dr. Severino Bezerra de Melo, em colaboração com a Sociedade Brasileira de Folclore, lançou, a partir do mês de fevereiro, um Boletim de Folclore, destinado exclusivamente aos professores primários e alunos das escolas e grupos daquele Estado. O Boletim é orientado pelo dr. Veríssimo de Melo, da Sub-Comissão Norte-riograndense de Folclore.

APLAUSOS

Da Sub-Comissão Espírito Santense de Folclore recebeu o Secretário Geral da Sub-Comissão o seguinte ofício: Vitória, 18 de fevereiro de 1950.

Ilustre confrade Oswaldo R. Cabral:

Em nome da Sub-Comissão Espírito Santense de Folclore e no meu próprio, tenho a satisfação de apresentar ao distinto Confrade e demais Membros da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, nossos melhores agradecimentos pelo envio do bem lançado BOLETIM TRIMESTRAL.

Folgamos em verificar que, ao lado de "FOLCLORE", órgão da nossa Sub-Comissão, surge agora outro — o primeiro colega — com os mesmos sadios propósitos. Sobre o aparecimento do BOLETIM TRIMESTRAL deu o nosso FOLCLORE breve notícia em seu 3º número, o qual aqui prazerosamente lhes enviamos, acompanhado dos dois números anteriores. Na certeza de que terá vida longa e útil o precioso órgão da Sub-Comissão Catarinense de Folclore — votos que aqui renovamos e agradecendo, mais uma vez, a gentileza da oferta, bem como o envio do interessante estudo sobre o "BOI DE MAMÃO NO FOLCLORE CATARINENSE" — aguardamos, com vivo interesse, nos sejam remetidos os próximos números do BOLETIM TRIMESTRAL — o que será belo motivo de se manter amistoso intercâmbio cultural entre as duas Sub-comissões estaduais.

Atenciosamente,

(a.) Guilherme dos Santos Neves

Do dr. Fernando Corrêa de Azevedo, da Sub-Comissão Paranaense de Folclore, que aqui esteve por ocasião da fundação da Sub-Comissão Catarinense, durante a realização do 1º Congresso Catarinense de História, recebemos o seguinte ofício:

"Curitiba, 30 de março de 1950. Ilmo. Snr. Dr. Oswaldo R. Cabral, DD. Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis.

Cordiais saudações. — Acusando o recebimento dos números dois e três do "Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, quero não só agradecer a gentileza da remessa, como, principalmente, congratular-me com o ilustre amigo e com os demais membros dessa Sub-Comissão, pelo trabalho magnífico, inteligente e bem orientado, que vem sendo desenvolvido nesse Estado pela Sub-Comissão, tão eficientemente dirigida por V. S. — É-me particularmente grato acompanhar esse esforço e os resultados obtidos, tendo estado presente à inauguração da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, com um dos elementos indicados pelo Professor Renato Almeida para, juntamente com os meus colegas do Paraná e do Rio Grande do Sul, levar a nossa modesta cooperação a esse ato tão significativo para o estudo do folclore nacional. Augurando a essa Sub-Comissão êxitos sempre crescentes nos seus trabalhos de pesquisa e divulgação do folclore catarinense, que tão de perto fala à alma e ao sentimento nacionais, peço-lhe transmitir a todos os membros da Sub-Comissão Catarinense de Folclore os meus mais efusivos cumprimentos. — Com toda a simpatia e admiração, (ass.) **Fernando Corrêa de Azevedo**, da Sub-Comissão Paranaense de Folclore.

HOMENAGEM

O Professor Rossini Tavares de Lima, Professor de Folclore Nacional do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e Secretário Geral da Sub-Comissão Paulista de Folclore, acaba de lançar a primeira pesquisa de 1950, a ser feita pelos alunos daquele Conservatório.

Como sempre, dividiu a sua turma em grupos de alunos, tendo cada uma escolhido um patrono para dar nome à mesma. Dentre os quarenta nomes de escritores nacionais que foram assim homenageados pelos alunos do Prof. Rossini Tavares de Lima, figura o do nosso Secretário Geral, dr. Oswaldo R. Cabral.

A diferença feita ao nosso Secretário Geral representa, em verdade, uma homenagem à Sub-Comissão Catarinense de Folclore, cujos trabalhos vem sendo apreciados por todos os estudiosos do Brasil.

NOS AÇORES APRECIAM NOSSO BOLETIM

O nosso colega de Sub-Comissão, sr. Walter F. Piazza, recebeu do Prof. Francisco Carreiro da Costa, membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada, São Miguel, do arquipélago açoreano, e onde é muito conceituado como folclorista e genealogista, a seguinte carta, de onde extraímos o seguinte:

"Foi precisamente nas vésperas do Natal de 1949 que recebi das mãos do sr. dr. Lúcio de Miranda, ilustre professor liceal desta cidade e meu antigo mestre, a valiosa oferta com que V. Excia. quis honrar-me do N. 1 do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore. Como menino que recebe um brinquedo de seus Pais, assim recebi a sua excelente lembrança. Bem haja!

"O Boletim que fez o favor de me remeter afigura-se-me um excelente repertório de estudos sérios e construtivos que oxalá não esmoreça quanto à sua edição. Nós açorianos, aqui, no arquipélago, sentir-nos-emos igualmente muito honrados por sabermos que aí, em Santa Catarina, as notícias açóricas enchem por modo notável as tradições e o folclore dessa formosa e famosa região.

Lí com a atenção e com o carinho de um estudioso da etnografia e do folclore açoriano e brasileiro tudo quanto se contém no referido Boletim, tendo apreciado muitíssimo — sem lisonja o afirmo — a sua contribuição para o estudo das *Cirandas infantis*. Não conheço aqui nos Açores, sobretudo em S. Miguel,

onde residio, nenhuma coisa parecida ao que V. Excía. revela, servido pelo estudo de Martinz de Aguiar. Aqui em São Miguel — e mesmo assim já desvanecidíssimo pelo tempo — encontro as expressões seranda e ciranda ligadas à Idéia de serão quer em casa quer ao ar livre, especialmente por ocasião dos antigos serões de milho, em que um agricultor por ocasião da apanha do milho, convida os parentes, vizinhos e amigos para o ajudarem a amarrar e a esgalhar (esfolhar). São alegres reuniões que decorrem sob o luar e as estrelas de Setembro, em volta de grandes montes de milho e em que se canta e balha, se reza e come. As violas e as guitarras repicam festivamente nas suas cordas e gargantas afinadas ouvem-se em amorosas cantigas. E, de vez em quando, lá aparecem referências à seranda:

Esta moda da seranda
É uma moda bem ligeira;
Faz andar as raparigas
Como o trigo na joelra.

Ó seranda, ó serandinha,
Toca, toca a serandar;
Vamos dar a meia volta,
Meia volta vamos dar.

Outras vezes é a expressão ciranda que aparece:

Anda a ciranda no ar
Anda a ciranda no chão;
Ó ciranda, ó cirandinha,
Amor do meu coração.

Há aqui em São Miguel muitas rodas infantis mas nenhuma eu conheço com semelhança às que V. Exa. cita. Mas vou averiguar...

.....
"Também vou diligenciar mandar para a Sub-Comissão de que V. Exa. faz parte os exemplares publicados na Revista de que sou editor e onde se encontram alguns dos meus mais desenvolvidos estudos etno-gráficos micaelenses.

Renovando a V. Exa. o meu pedido de desculpa pela demora de meu agradecimento, fica inteiramente ao seu dispor o confrade e amigo, muito grato e admirador.

Carreiro da Costa".

A MÚSICA E A POESIA DO SUL DO BRASIL ATRAVÉS DA RÁDIO PORTUGUESA

Um apêlo aos brasileiros

A estação emissora "Rádio Mindelo" que emite no comprimento de onda de 41.78 ou seja na frequência de 7.180 kilociclos por segundo, começou a gravar em fio de aço os seus programas destinados à América do Norte, Brasil, América Espanhola e Europa. Para os programas especiais destinados aos brasileiros e portugueses espalhados pelo mundo, a Rádio Clube Mindelo tomou a iniciativa de incluir tudo o que diga respeito ao folclore do Brasil: música e canções típicas, etc.

E como a sua discoteca é pobre, lança por nosso intermédio um apêlo aos brasileiros de Santa Catarina, às instituições culturais e outras organizações, no sentido de lhe enviarem discos:

RÁDIO CLUBE MINDELO
S. VICENTE
CABO VERDE

VISITOU A NOSSA CAPITAL UM PROFESSOR ILUSTRE

Florianópolis hospedou até hoje cedo, desde sábado, o ilustre Sr. Professor Nobrega da Cunha, educador emérito, folclorista e naturalista, que atualmente é Vice Diretor do Serviço de Cooperação intelectual da ONU em nosso país.

O Dr. Nobrega da Cunha já exerceu importantes cargos no aparelhamento educativo do país, tendo sido Diretor Geral da Instrução Primária, da Instrução Secundária e do Serviço Nacional de Teatro.

Homem de elevada cultura, polígrafo e educador, a visita do Prof. Nobrega da Cunha deveu-se ao Congresso do Rotary Club, em Blumenau.

Na sua passagem por esta Capital foi o ilustre visitante recebido pelo Deputado Oswaldo R. Cabral, Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore e apresentado aos folcloristas locais na sessão daquela comissão realizada sábado.

Na oportunidade produziu o Sr. Nobrega da Cunha uma interessante palestra que prendeu a atenção dos membros da Sub-Comissão.

Ontem, sob o patrocínio da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde e da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, no Salão nobre do Instituto de Educação, realizou o Prof. Nóbrega da Cunha uma interessantíssima conferência, abordando o assunto do Folclore na Educação.

A mesma compareceram o Dr. Elpídio Barbosa, Diretor do Departamento de Educação, que apresentou o conferencista aos assistentes, o Dr. Oswaldo Cabral, Secretário da Sub-Comissão de Folclore, Diretora e professores do Instituto de Educação Dias Velho, os Srs. Juraci Camargo e Halkel Tavares, deputado Antônio Nunes Varela, membros da Sub-Comissão de Folclore, professores e alunos do Colégio Coração de Jesus e Catarinense, membros do magistério primário, alunas da Escola Normal e jornalistas. O Prof. Nóbrega da Cunha por uma hora cativou a assistências com a sua palavra edudita, mantendo o auditório em permanente interesse pela sua exposição.

Hoje cedo regressou o ilustre visitante ao Rio de Janeiro, depois de haver visitado vários estabelecimentos de ensino em companhia de destacados elementos do nosso magistério, e de ter percorrido, em companhia do Desembargador Henrique Fontes e do Dr. Oswaldo R. Cabral os pontos interessantes da nossa Capital e do continente próximo.

("Diário da Tarde", 4 de abril de 1950).

VISITANDO A FAMÍLIA

Em abril passado estiveram em visita a Santa Catarina, a serviço da campanha de alfabetização de adultos, tendo realizado na Capital, em Joinville, Blumenau, Laguna, Tubarão e Criciúma, noitadas de arte de raro sabôr, os Srs. Joracy Camargo, notável teatrólogo. Haeckel Tavares, insigne compositor, e Edson Lopes, famoso baixo-cantante brasileiro.

Os queridos artistas realizaram conferências e demonstrações das lindas canções de Haeckel Tavares, que foram executadas pelo próprio compositor, e vocalizadas por Edson Lopes.

Nesta Capital Joracy Camargo realizou além de conferências, um curso intensivo de teatro ao que concorreu grande número de interessados, pertencentes aos núcleos artísticos de Florianópolis.

Em íntimo contacto com elementos da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, mostraram-se interessados pelo trabalho que vimos desenrolando e curiosos das nossas belezas folclóricas.

Haeckel Tavares quer saber se aqueles "Corações", dos Pão-por-Deus não teriam a sua música. Quem sabe? E se alguém consegue um motivo, que linda canção não nos dará o criador da "Casa do Caboclo" sobre um tema folclórico catarinense!...

COMO NOS RECEBERAM

BOLETIM TRIMESTRAL

Temos a grata satisfação de registrar aqui o aparecimento do Boletim Trimestral, órgão da Sub-comissão Catarinense de Folclore. É o primeiro colega que surge ao lado de "FOLCLORE", e com os mesmos louváveis propósitos — bater-se pela salvaguarda e divulgação das nossas ricas tradições populares.

O valioso Boletim Trimestral — impresso em 27 páginas, em Multilith pelo Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina — apresenta interessantes estudos do nosso populário, como: "A setra, a funda e o bodoque", comunicação do folclorista Oswaldo R. Cabral, Secretário Geral da Sub-comissão catarinense; "Temas Açorianos" — Formas infantis de contar — por Orlando Ferreira de Melo, correspondente da Sub-Comissão em Blumenau; "Cirandas infantis", por Walter F. Piazza; "Bodoque, funda e setra", comunicação do dr. Hildegardes Cantolino Vianna, da Sub-Comissão Bahiana de Folclore; "Reminiscências açorianas", por Almíro Caldeira, por fim, "As Superstições pelos Municípios Catarinenses" obtidas pelo Departamento Estadual de Estatística, através de questionários remetidos aos agentes municipais de estatística. FOLCLORE folga em deixar aqui expressos os seus melhores aplausos aos dirigentes do BOLETIM TRIMESTRAL, augurando para este órgão da Sub-Comissão Catarinense de Folclore vida proveitosa e longa, a bem da defesa das nossas tradições folclóricas".

De "FOLCLORE", órgão da Sub-Comissão Espírito Santense de Folclore, n. 3 — Novembro e dezembro de 1949.

DUAS PUBLICAÇÕES FOLCLÓRICAS DE FLORIANÓPOLIS E VITÓRIA

Ainda no setor folclórico podemos saudar o aparecimento de Folclore, revista da Sub-Comissão Espírito Santense de Folclore, dirigida por Guilherme dos Santos Neves, e o Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, que acaba de aparecer em Florianópolis. Estas duas revistas de província testemunham a vitalidade dos movimentos regionais que se agrupam em torno da Comissão de Folclore do IBECC, ao mesmo tempo que apresentam em suas páginas preciosas pesquisas e colheitas de material folclórico em fontes até então inexploradas".

De LETRAS E ARTES, suplemento literário de "A MANHÃ", Rio, direção de Jorge Lacerda.

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Recebemos o n. 3, do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, dirigido pelo sr. Dr. Oswaldo Cabral. Dentre a farta e importante matéria destacamos as seguintes: Crendices e superstições; Coisas do Planalto; Termos Regionais; Comentário Sobre a Comunicação Anterior; O Pião.

Somos gratos pela remessa.

("Diário da Tarde", Florianópolis, 30-3-50).

BOLETIM TRIMESTRAL SANTA CATARINA

Digno de aplauso é o trabalho desenvolvido pela Comissão Catarinense de Folclore, dirigida pelo historiador Oswaldo R. Cabral. Apreciáveis são os resultados já colhidos e publicados em boletins. É uma comissão viva, trabalhadora e que serve de exemplo, porque tem favorecido as pesquisas, incentivado os estudos folclóricos, e fazendo reviver os folguedos populares.

Recebemos, três publicações da operosa Sub-Comissão Catarinense, divulgadoras de estudos do populário barriga-verde. O estudo sobre o "Boi de Mamão" no folclore catarinense é enriquecido com lindas policromias de autoria do prof.

Orlando Ferreira de Melo, e os dois boletins trimestrais, trazem os seguintes estudos: — "A setra, a funda e o bodoque, "Temas açoreanos", "Cirandas Infantis", "Reminiscências açoreanas", "As superstições pelos municípios catarinenses", "A Pesca com o Boto", "Sobre o Folclore Joinvilense", "As Verrugas no Folclore Catarinense", "Vocabulário Regional Catarinense", "Pelos municípios Catarinenses", e "A respeito dos Corações e do Pão por Deus".

O sugestivo estudo de "Corações e Pão por Deus" de autoria de Osvaldo R. Cabral, será futuramente publicado no "Correio do Folclórico".

("Correio Paulistano" (Correio Folclórico) 26-3-50).

TRADICIONALISMO E OS ESTUDOS FOLCLÓRICOS

Repara Joaquim Nabuco, em seu livro mais famoso, que o espírito inglês oferece dois aspectos essenciais: a responsabilidade do homem para com Deus e o arraigado tradicionalismo nacional.

"A inspiração da vida publica na Inglaterra — observa com a dupla autoridade de escritor e diplomata — vem em grande parte da Bíblia. A política e a religião sentem que terão sempre muito que fazer em comum, que uma e outra têm o mesmo objetivo prático — elevar a condição moral do homem, e o efeito desse talvez principal elemento do espírito inglês, em relação às reformas, é fazer o argumento moral prevalecer sobre o argumento utilitário."

Quanto ao outro aspecto, registra que "ao lado dessa quase superstição de costumes", há o espírito de aperfeiçoamento e de progresso." Explica-no depois como a gente britânica às maravilhas concilia essas duas tendências que parecem contrastantes. A vida nacional não se desenvolve aos arrancos, mas corre naturalmente como um rio em seu leito. Na Inglaterra seriam impossíveis as reformas violentas, radicais, que a lei viesse a impor aos cidadãos. Lá, o costume é que mansamente acaba se transformando em lei e, só em casos de necessidade extrema, o inglês abandona um velho hábito.

Há, mesmo, regras elementares que governam o senso comum: a principal delas é conservar-se tudo o que existe, até o inútil, quando não seja obstáculo invencível às melhorias indissensíveis; outra é a de reformar-se o necessário, somente em caráter provisório, deixando ao tempo a incumbência de consagrar ou rejeitar a inovação.

Lembramo-nos agora dessas observações do grande mestre pernambucano ao recebermos mais um "Boletim Trimestral" da Sub-Comissão Catarinense de Folclore. E diremos por que, o brasileiro é um povo que escarnece as tradições, quando não as despreza, fulminando-as com uma frase cortante, que o retrata bem: — "Não vou perder tempo com essas velharias mofentadas, no século XX".

E o século XX, a era da energia nuclear, há-de ser a tóla justificativa a que o brasileiro usa para legitimar o louco desacerto com que pretende fazer medrar uma árvore sem raízes que a alimente, cravadas nas entranhas da terra. E, então, é nosso vezo atribuírmos a mil causas cada mal que nos aflinge, sem atinarmos com o que realmente falta, como povo, nação e como estado: o espírito religioso de que emana a moral e o amor à tradição que fomenta a ordem e o respeito às leis.

Eis porque o trabalho da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, silencioso mas perseverante, está a reclamar um apóio mais eficiente de nosso povo que com ela deve aprender a estimar e a zelar as nossas tradições. E, sobretudo, necessário que a nossa compreenda a nobre tarefa em realização pelos investigadores do folclore.

Os estudos folclóricos de há muito deixam de ser mera distração de diletantes, para constituírem uma ciência auxiliar da história, proporcionando-nos, ainda mais o exato conhecimento de cada povo e evidenciando-nos os seus erros ou as suas virtudes através da prática de seus costumes.

Demais, toda a vida, de um povo, sua capacidade e o ritmo de seu desenvolvimento estarão sempre refletidos nos seus costumes:

Em seu nº de dezembro de 1949, o "Boletim publica a seguinte colaboração folclórica: "A pesca com o bôto", de João dos Santos Areão; "Sobre Folclore Joinvilense, de Plácido Gomes; "As verrugas no Folclore Catarinense", de Walter F. Piazza, "Vocabulário Regional Catarinense" de Demóstenes Veiga, "A respeito dos Corações e do "Pão por Deus" de Oswaldo R. Cabral.

Em seu nº de Março deste ano, o "Boletim" inseriu a seguinte matéria assinada pelos nossos estudiosos: "Crendices e superstições" de Plácido Gomes, "Obras do Planalto" do Pe. Alvin Bertoldo Braum; "Termos regionais" de Euclides José Felipe; "Comentários" de Custódio F. de Campos; "O Pião", de João dos Santos Areão.

É secretário geral da Sub-Comissão o ilustre historiador Dr. Oswaldo R. Cabral e dela participam muitos intelectuais, notando-se entre eles o desembargador Henrique Fontes, Othon d'Eça, Altino Flores. Carlos da Costa Pereira, Walter E. Piazza, Ildelfonso Juvenal, José Cordeiro e outros mais.

Como se vê, abundante é a seara e muitos os ceifeiros.

Resta apenas continuar com afinco tarefa em tão boa hora iniciada, recordando-se que pelo seu arraigado tradicionalismo a Inglaterra exerceu, durante muitos anos, a hegemonia do Mundo.

("A Gazeta", de Florianópolis, 2-4-50).

PEGOU DE GALHO

O secretario geral da Comissão de Folclore de Sta. Catarina, deputado Oswaldo R. Cabral, em carta dirigida ao nosso confrade Alceu Maynard Araujo, fez elogiosas referencias ao "Correio Folclórico", dela transcrevemos, com a devida venia, um trecho no qual solicita permissão para transcrever o artigo publicado dia 5 do corrente, que justifica o interesse que a pagina despertou: — "Peço permissão para transcrever no proximo numero do nosso BOLETIM o trabalho de Maria de Lourdes Henriques, sobre o Boi de Mamão em S. Francisco, que vem publicado no "Coreio Paulistano" que me enviou, no "Correio Folclorico", de sua direção".

INQUERITO DEMOLOGICO

O Departamento Estadual de Estatística de Sta. Catarina, lançou um "Inquerito demológico", para conhecer o "Adaglarío" bem assim as "Rezas e benzeduras" do Estado, em estreito intercambio com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore. Os modelos do inquerito publicaremos em documento especial.

Notícias do "Correio Paulistano" (Correio Folclorico).

Cantigas, rezas, benzeduras, quadrinhas, adágios, usos, costumes;

Gravuras, fotografias, objetos de arte popular;

Rendas, louças de barro, figuras, etc... Tudo isto nos interessa.

Comunique-se com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, contribuindo para a organização do nosso Museu Folclórico.

TRABALHOS ORIGINAIS

Sociologia do Folclore

Walter Spalding

(Da Sub-Comissão do Rio Grande do Sul)

A sociedade humana possui particularidades que a agrupam e caracterizam, como a língua, certos usos e costumes, lendas e tradições que, comuns a determinado grupo, diversificam-no dos demais.

Assim, sociologicamente, quanto à língua, pertencem ao mesmo grupo social portugueses e brasileiros, espanhóis e hispano-americanos, franceses e belgas e canadenses, alemães e austríacos, etc., embora hajam diferenças prosódicas e semânticas entre um e outro grupo ou povo.

Mas, quanto aos usos e costumes, já as diferenças são mais acentuadas, e ainda mais, de modo geral, no que tange às lendas e às tradições, embora estas, na generalidade, tenham maiores pontos de contacto através das diversas épocas desde o aparecimento do homem sobre a face da terra.

Todas estas características dos povos, — “hechos folclóricos” — como dizem os espanhóis, pertencem a uma disciplina, especial, à ciência popular a que se convencionou denominar **Folclore**.



Praticamente, a ciência folclórica divide-se em duas partes: ciência propriamente dita, ou teoria, e arte, ou prática.

A ciência ou teoria do folclóre abrange todos os conhecimentos que o populário nos apresenta e dizem respeito à vida e às diversas manifestações diretamente ligadas à existência humana. Esta ciência ou teoria, é estudada pelo **folclorólogo**. A arte ou prática, pertence ao fato em sí, às manifestações folclóricas em geral, à prática dessas mesmas manifestações e ao meio ambiente. Em resumo: ao povo. Este é o **folclorista**.

Temos, dessarte, o estudioso, o cientista do folclore — o **folclorólogo**, — e o que pratica a ciência, que realiza o folclore — o **folclorista**.

Os acontecimentos ou fatos folclóricos possuem certo conjunto de caracteres que se podem agrupar em dois grandes capítulos: caracteres distintivos e caracteres limitativos.

Os caracteres distintivos do folclore são, justamente, os de caracter social, coletivo, geral, que abrange a um grande grupo ou a muitos grupos sociais, tipos étnicos ou clãs. A vida do gaúcho, por exemplo, no Brasil, no Uruguai e na Argentina.

Os caracteres limitativos serão aqueles que pertencem particularmente a **grupos familiares**, limitados, portanto, a pequenas áreas, ou melhor, a grupos especializados como, por exemplo, pescadores de certas zonas, mineiros, vendedores ambulantes de determinadas localidades, cujos usos, costumes, linguajar, cantigas e credíncias pertençam exclusivamente a êles, ao grupo da zona a que pertencem e exercem sua atividade.

Feita essa distinção, verifica-se que o **folclorista** trabalha o folclore, enquanto o **folclorólogo**, seguindo-lhe as pègadas, estuda, examina, confronta, pesquisa e conclue, estabelecendo, cientificamente, as bases sociológicas da formação dos povos, da organização social e das influências sofridas por uns e outros, através as relações comerciais ou contactos emigratórios e outros.

Vê-se, portanto, que a ciência folclórica não é, apenas, passa-tempo; que a recolta e exame de um rifão, de uma canção infantil, de uma superstição, de um mito religioso ou fetiche, de certo modo de trajar e dizer as cousas, não pertence ao número das simples distrações e curiosidades sociais populares, mas são base de estudo sério da sociogênese.

Já diziam os velhos tratadistas que “as atividades e formas sociais começam inconscientemente”, quer dizer, através as criações e ideologias populares sem paternidade definida.

É isto o folclore — o povo em todas as suas manifestações anônimas e cujo estudo sistemático forma a verdadeira ciência folclórica — a **sociologia do folclore**,

O Monge ou o Profeta São João Maria

Euclides José Felipe

NOTA PRÉVIA



O Monge João Maria é figura que ainda vive na imaginação do nosso sertanejo. Em toda a antiga zona contestada pelo vizinho Estado do Paraná, na região sulina do dito Estado e em alguns Municípios da zona serrana de Santa Catarina, o Monge foi muito conhecido, por isso que, segundo se diz, em cumprimento a uma promessa, peregrinava por toda aquela região.

Na cidade legendária da Lapa, no Estado do Paraná, é famosa pela sua beleza a gruta do Monge, onde ele costumava alojar-se. Foi visto e conhecido, amado e venerado pela gente simples e crédula da região.

“Era alourado e a sua palavra trazia a marca do sotaque castelhano. A tiracolo, uma sacola minúscula de algodão, em que levava pequenina barraca e uma panela. Conduzia um crucifixo e algumas imagens pequenas”.

“Não quer que o sigam os bandos, não aceita dinheiro, senão um pouso, um pouco de verdura, uns goles de leite ou um pedaço de queijo. Aconselha o povo a ter crença, que trabalhe na lavoura. Aqui e ali planta uma cruz, faz algumas profecias e parte. Para o sertanejo, crédulo e simples, abandonado e ignorado, o Monge é a representação da bondade, é o Santo que o procura e lhe dirige a palavra de consolo, o apóstolo que se lembrou da sua vida miserável. E a lenda desponta na imaginação do caboclo. Contam-se casos. Os lugares em que o santo homem pousou, tornam-se santos, a água das fontes de que ele bebeu na concha da mão, faz o milagre de curas inesperadas. E foi assim ficando a sua lembrança, entre saudades e esperanças, ninhada de santidade: — Santo João Maria, o profeta dos sertanejos”. (Oswaldo R. Cabral, SANTA CATARINA, Brasiliense, Vol. 80).

Em 1896, foi visto em União da Vitória. Mais tarde, em outros pontos. Conta o jornalista Cid Gonzaga, em depoimento feito para o livro Santa Catarina, que o piedoso franciscano Frel Rogério Neuhäus, ouvindo falar da santidade do Monge, foi ao seu encontro e exortou-o a que, de fato, se era um iluminado, enviado de Deus, fôsse à cidade, pregar as

verdades eternas e a palavra divina. Não acedeu o Monge ao convite de Frei Rogério que viu nêlo, apenas, um espirito dominado pela exaltação mística. Pessoas que o conheceram de perto affirmam que era um homem algo instruído e bastante virtuoso.

Depois, o misterioso João Maria desapareceu. Teria concluído a peregrinação, cujo voto êle mesmo dizia estar prestes a terminar? Teria perecido, nalguma gruta desconhecida, refúgio das suas noites e descanso das suas caminhadas? Ignora-se.

Em 1911, appareceu um segundo monge, José Maria, que não era o anacoreta singelo, bom e piedoso dos outros tempos. Dizem que o seu verdadeiro nome era Miguel Lucena da Boaventura, ex-soldado e desertor.

Dizia-se irmão de João Maria e dispôs-se a colher o fruto da semente lançada pelo seu antecessor, na alma do sertanejo.

O nome deste segundo Monge está li-

gado à cruenta luta que foi a Campanha do Contestado. Não iremos aqui historiar-lá. Os que desejarem conhecê-la encontrarão farta literatura a respeito.

Entretanto, a figura legendária do primeiro monge ficou na memória do nosso sertanejo. Foi um homem bom para êle. A sua memória viverá no seu coração ainda por muitos anos.

Euclides José Felipe, nosso correspondente em Curitiba, colheu o "poema" que abaixo transcrevemos. É um depoimento. Confirma a visita de Frei Rogério. Confirma o retrato de João Maria tal como tem sido esboçado. É o depoimento do povo, o depoimento folclórico, a confirmar o que a História escreveu a respeito do santo homem sertanejo.

O poeta é ignorado. Não importa. O que importa é saber que o povo conserva os seus versos, recita-os e os transmite de geração em geração.

Euclides José Felipe prestou um excelente serviço recolhendo-os e entregando-os à publicação. O. R. C.

I

Muito d'antes tinha um monge
Por nome João Maria
Que andava neste mundo
Quar um facho que alumia;
Ensinando nosso povo,
Isso é que Deus queria,
Nos caminho abençoado
De Jesus, o grande Guia.

II

Êste home abençoado
Sem vaidade e pretensão
Punha a gente no caminho
Da verdade e retidão.
Mar visto embora fôsse
D'otras seita e religião,
Sempre o povo nêle via
Mais que um santo eremitão.

III

Humirdade éra a senha
Dêste servo do Senhor.
Pobreza desprendida
Só servia por puro amor:
Não queria chegá em Deus
Pelas via d'argum temor

.....
Por boas obras voluntárias,
Co'a pureza duma flor!

IV

Os ensinamentos dêle
Eram puro os de Jesus;
Como Êle, acompanhado
Por quem queria a luz
Do grande Iluminado
Que foi morto numa cruz!

V

Êle tinha era nojo
Quando uvia d'argum cachaço:
— “Vocês façam o que mando,
mas não façam o que faço”.
.....
.....
— “Vamos vê, desenrolado,
Não recebo nada em maço,
Pois eu sô macaco véio,
Já não caio mais em laço”...

VI

— “Oia, arve se conhece
Pelas fruta qui ela dá;
Recebendo munto inxerto,
Ela vai degenerá
E por fruta ela produz
Boas manada de baguá
Que sôrto nestes campo
O que não resurtará?”

VII

— “Irmãos, o exempro é tudo,
Não se deixem engambelá
Mas se o lobo vem di oveia,
Não se deixem embasbacá
E si o bicho mostra os dente
Não se deixem amendrontá
Que as foguera só tem cinza,
Já urtimaro de quemá”...

VIII

— “O Deus de Jesus Cristo
Não cabia numa casinha,
Era grande, era perfeito,
De mardade nada tinha,
Não se curva à lei dos home
Qui é uma lei misquinha.
Escrevia na Natureza,
Nunca nada de letrinha...”

IX

— “Natureza é livro aberto,
Em que todos podem lê...
O Grande, sendo grande,
Em livro grande quiz escrevê,
P’ra todos que tivessem
Em ponto de **entendê**...
Só bastava abri os zóio
E pegá compreendê...

X

— “A Lei suprema é a caridade
Que nos leva à sarvação
O que p’ra mim não serve
Nunca serve p’r’o irmão...
Tôda lei é resumida
Nesta simples oração...
— “O caminho é carreiro
Que se chama humilhação
Que também já foi triado
Pelo maió dos nosso Irmão (Jesus)
Fóra deste só tem ôtro
Que conduz à perdição...
Por isso, quando rezas,
Tenhas limpo o coração;
Longe ódio e vingança,
Só terás consolação...

XI

— “O sór é munto forte
Não se póde oiá de frente...
Mas se vê todas vantage
Que êle faz p’ra gente!
— “Ansim, meu povo amado
Deus alumia os ente
E os que fazem caridade,
A presença dele sente!
Não se pode amá o Supremo
Ansim, diretamente,
Mas através dos ôtro
Se vai ao Onipotente!

XII

— “Tôdo mundo é nosso irmão
Seja ou não seja crente...
O bem, oiando a quem,
Nunca é de boa semente!...
O egoista é suicida,
Já de si está robando
Quem aos ôtro o mal pratica
A sua alma tá enterrando,

Quem aos ôtros fais o bem,
Mas em conta não levando,
Tem a benção do Senhor
E p'ra si tá trabaiando
E fazendo o bem em dôbro,
Mais de dôbro está ganhando!

XIII

— “Bemdito quem se esquece
Té de si, nas oração...
Que se lembre só dos ôtro
Por té grande o coração...
Êste, sim, já está feliz
Já cumpriu a obrigação,
Porque já tem na alma
Uma grande perfeição”...

XIV

.....
Junta exempro às palavra,
Só triava o bom caminho,
Não aceitava pagas
E nem mesmo presentinho.
Com as ropinhas simpres
Como simpres pobrezinho:
Alpercata côro crú
Era feito um sapatinho
Por chapeu só carregava
Um modesto barretinho...

XV

E tôda sua riqueza
Um simpres bastãozinho,
A cuia e uma bomba
P'ra sugá um bom matinho;
A latinha c'uma arça
Que ficava num cantinho,
Um isqueiro de taquara
P'ra cendê o seu foguinho...

XVI

A pobreza que pregava,
A pobreza de verdade.
Dinheiro nem p'ra si
Nem p'r'os grande da cidade.
Recebia alguma côve
Se era dada co'amizade,
Verdura e alguma fruta
Que trazia da caridade.
E o mais agardecia
Com palavras de bondade.

XVII

Não comia nada de carne
De animal sacrificado.
Por êle, mal no mundo
Não viria de quarqué lado.
Consumia só o que fôsse
Lá da terra vegetado
Não aceitava a vida
Em prejuizo do animado,
Pois que sangue não queria
Nem um pingo derramado!

XVIII

Nisto era parecido
Com o filho de meu Deus,
Que um dia ficou irado
No tempo dos judeus
Com a casta dos escriba,
Sacerdote e fariseus,
Que imolavam inocentes
Só a bem dos borsos seus...
— “Ó Supremo, queres sangue
P'ra enche caprichos teus?
Imolá o Teu Cordeiro,
Ao bem destes ateus?”
E pegando numa corda,
Expursou os corifeus..

XIX

Se ensinava as verdades
Do Eterno Construtor,
Só o Mundo era a igreja
Qu'era digna do Senhor:
As encosta e colina
O artá do grande Amor,
O sór era luzêro
Do grande Redentor
As estrelas eram velas
E as nuve eram flor...

XX

Os campo eram toalhas
De cubrí o grande artá;
Os mato, renda fina,
O ceu era o Missá...
Os barranco eram degrau,
E tapete os vassorá;
O vinho era os regato
E pão os milhará;
O caliz era as fôia
Dos nosso matagá;

O côro, os passarinho,
O órgo, o vendavá
O livro, a Natureza,
Rosário, os pedregá;
Serenó, agua benta
Um milagre naturá
As grimpa era enfeite
Os pinhêro, castiçá...
Os banço era a relvá
ou sinão... os carcanhá.

XXI

Tudo era aligria
Nada de sacrificá
Pois que Deus é oniciente
Nada tem que se vingá...
Senão Êle se punha
No nive dos mortá
Por causa de arguns erro
Que fizesse no criá...
Mas isso é impossive,
Está mal, no interpretá.
O Deus sendo perfeito
Não podia mal pranejá...
Despois se mata mesmo,
Só pra mode se vingá?
O Sangue de si mesmo
P'ra vingança mitigá?
E os home d'instrumento
P'ra tê quem condená?

XXII

Um dia, o santo Monge
Fazia suas pregação:
Num campo aqui de Lajes
Ensinava a murtidão.
Se aproxima Frei Rogéro
Ôtro santo do sertão,
Um irmão que deu em mancha,
Mas ficou sem graduacão.
Ouvindo, logo disse:
— “Êste Monge tem razão...
Êle ensina direitinho
Sem fazê arteração.
Da Santa Caridade
Que é a maió razão
D'eu está nestas parage
Dessas grande solidão
P'ra está dentro de Roma,
Só le falta a confissão...

XXIII

Encontrando João Maria
Logo foi cumprimentá,
Desejando boa saude
P'ra todos do lugá.
Foi dizendo: — “Meus amigo,
U'a Missa vim rezá
Por isso vos convido,
E a todo o pessoá,
Que amanhã, munto cedinho
Todos devem confessá
Incrusive nosso Monge
Um exempro deve dá.
Que êsse povo apurveite
Seus pecado descontá
É que manda o Santo Bispo
Que tem orde de mandá
Pelo Papa, lá de Roma,
Que é o nosso maiorá.

XXIV

— “Meu irmão, meu Frei Rogero,
Você queira disculpá...
Não discuto seus ensino,
Pois já vi Você pregá...
Eu também sô cristão
Mas é ôtro o meu pensá...
êste povo, si quisé,
Que não vim p'ra combatê
Eu só vim p'ra conseiá...
Trago dentro de minh'arma
O que me orientará,
E si tenho algum pecado,
Só a Deus cabe jurgá,
Pois Jesus não confessô
A nenhum simpres mortá...

XXV

Ouvindo Frei Rogero
Palavras tão acertadas,
Para, empaca o passo,
No meio da estrada:
— “Você fique quieto,
Ó meu grande camarada.
Ninguem le pode ouví
Esta sua desrrazoada,
Que sinão o povo vira
E já vem a trapaiada...
O povo ainda é verde,
Não comprende nada, nada...
É bom que haja freio
Sinão já dão massada,

Por isso a confissão
Sempre foi a rédea usada,
P'ra freiá quem se adianta
E os que possam dá massada ...”

XXVI

— “Pois meu freio, seu Rogero,
É munto diferente:
Eu não trago nada ocurto,
Alumeio toda gente.
Sendo facil de segui
Os caminho aurifurgente.
Deus qué que o povo O ame,
Pro valô que nêle sente,
Não por medo, nem obrigado
Com clareza alegremente...
Uns mais cedo, otros mais tarde,
Todos vão, expontaneamente.
E os caminho a gente mostra:
Quem quizé, vá livremente,
Já por isso o livre arbitro
Que o ceu deu de presente...
E Deus depois nos jurga,
Pela fé que temo em mente,
Pelas obra que se feiz
Que é coroa da boa semente !”

XXVII

Frei Rogero foi-se imhora
A sua Missa foi rezá,
Adispois, pro Santo Bispo
As suas conta foi prestá.
E o bispo em largos gesto
Se aprontô p'ra escomungá
Esse monge que andava
Nesses campo a atrapaiá,
Ensinando sem sabê,
E sem orde de ensiná,
Êsse home sem estudo,
Sem leitura de jorná.
Era muito perigoso,
Só porque sabia falá,
A nossa boa dotrina
Viria p'ra derrubá ?

XXVIII

E o nosso santo monge,
De vagá ia caminhando,
Espaiando seus ensino
E o povo aconseliando...
Lá pros lado do Rio Grande
Muitas veis se viu entrando...

E quando estava só,
O seu têrço bem rezando,
De longe o povo uvia
Lindo côro descantando...
E o Deus lá das altura,
Nos oiava, abençoando!
E quem chegava perto,
Só via o monge orando,
Mas si se distanciasse,
Ovia mil voiz toando:
— O canto era dos anjo
Com Deus acompanhando...

XXIX

A fé era dum tanto,
Tanta era a alegria,
Que onde dava um pôso,
Uma cruz lá se erguia...
Bom caminho êle ensinava
E o futuro predizia:
— Gafanhotos, guerra, sangue,
No horizonte percebia...
Que tudo o bem fizesse,
Era só o que pedia!
E por uma penitencia
A cinza arrecoia
Do fôgo do pôsinho
Que com água se bebia:
Era o tar remédio santo,
Todos mal êle alivia
Com chá da bassorinha
Dêste bom S. João Maria...

XXX

E os ano viajandinho
Num tranquinho de viaje
Co nosso Santo Monge
Se sumindo nas arage...
Corria certas noticias
Que a Morte, de passage,
Coieo o santo home...
Mas isto é bobage,
Pois êle não se intrega,
É um bicho de corage,
Sabia levá a vida
Com dotes de vantage...
Foi p'ra serra do Taió
Bem no lombo, só, sem pago,
E lá está morando
Numa terra bem servage,
P'ra um dia, então, vortá
E fazê profetisage...

Os Santos no Calendário neotrentino

Walter F. Piazza

As tradições religiosas de nosso querido cêspede natal, o município de Nova-Trento, tem em suas efemérides atraído a nossa atenção para particularidades que não encontramos em outras localidades catarinenses, apesar de em outros pontos se assemelharem quer pela origem étnica quer universalidade da Igreja Católica Apostólica Romana.

São costumes que, trazidos pelos trentinos (naturais da Província de Trento, Tirol Austro-Italiano ou melhor "A Itália Irredenta",) hoje, passado quasi um século da estaca inicial da colonização e já, sofrendo influências de outros grupos étnicos e até religiosos, persistem.

Assim, do calendário folclórico que organizamos com a ajuda de alguns bons devotados neotrentinos, extraímos:

Dia 6 de janeiro — **Festa dos Reis Magos** — usança anotada: "bênção das crianças", espetáculo anualmente repetido e que reúne todo o mundo infantil das circunvizinhanças da atual cidade de Nova-Trento. Este espetáculo foi há cinquenta anos atrás noticiado com destaque por um jornal desta cidade de Florianópolis. É uma bênção que as mães neotrentinas fazem questão que seus filhos recebam.

Na véspera de Reis correm as ruas e estradas ("valladas") de



Nova-Trento as "pastorinhas" cantando maviosos e sublimes "ternos de Reis" e recebendo, em troca, doces e bebidas. Estas são as usanças do Dia dos Reis Magos.

Adiantam-se as folhinhas. Passa o mês de Janeiro.

Entra o fevereiro e em seu decurso assinalamos o dia de São Braz — o São Biaggio de nossos antepassados trentinos; é o dia da bênção das gargantas, aliás, fato comum em tôdas as comunidades católicas apostólicas romanas.

Vem depois o carnaval. Mas, antes dêle, em período entre o Natal e os dias do Momo anotamos o ciclo dos "boi-dê-mamão". É uma tradição muito querida do catarinense, especialmente do litoral,

E após o Carnaval o período quaresmal.

A Quaresma é tristeza, é sacrifício, é penitência. E, em meio as festividades quaresmais se ressalta uma crença popular. Morre Cristo na sexta-feira da Paixão. Toda a população do lugar converge para a Igreja afim-de assistir às solenidades. A noite encontramos aquela mesma população desfilando diante do esquife do Senhor Morto e se atentarmos bem o que depararemos?

Cada visitante coloca na salva de prata a sua espórtula e delá retira o seu troço "para que durante o ano não falte dinheiro em sua casa". É, portanto, uma mascote.

No sábado de Aleluia há a benção da água e do fogo e em tôdas as casas neotrentinas se renovam as provisões de "água benta", e, para completar aquêle dia de "meia festa" (isto é: todos à tarde se põem em seus trajes domingueiros e festivos), não falta a malhação de Judas que, às vezes, representa, também, uma autoridade e então deixa de ser folclore...

Vem o domingo gordo — Domingo de Páscoa.

É uma grande festa, quer no calendário religioso, quer no calendário folclórico.

Mas, hoje, já, se sente a influência germânicidade nesta festa, pois, as crianças "esperam o coelhinho". Os ovos de chocolate e os enfeitados de papel crepon e desenhos e recheiados de amendoim com açúcar não faltam nesse dia grandioso para as crianças e porque não? — também, para os adultos.

Está terminada a Páscoa, ou melhor, o período quaresmal. Vem, então, junho, o grande mês folclórico. Junho é o mês dos santos populares, dos santos "cotados". É Santo Antônio, iniciando a lista, depois São João, São Pedro e São Paulo, e entre eles se ajeita São Virgílio, padroeiro do lugar.

Santo Antônio, o santo casamenteiro, o santo das moçoilas e das suas promessas, é, também, o san-

to das "vovós", pois, é milagreiro, é o santo dos resposos. E, aqui cabe referência a uma imagem do Santo dos Milagres. Refiro-me ao Santo Antônio do "Salto", localizada a seis quilômetros de Nova-Trento, ofertada pelo negociante José Jacques, natural desta cidade, no tempo Destêrro. A aludida estatuetta já sofreu ao que sabemos vários banhos e lavações. Já sentiu esfregações de sabão e areia, e, em compensação, já recebeu, também, vestimentas novas pelos casamentos que se realizaram pela sua intercessão.

13 de Junho é o dia do Santo casamenteiro. Nesse dia as moçoilas se prostam reverentes e sonhadoras diante do Santo e fazem promessas... para casar. Umás mais afoitas, nas ante-vésperas da festa ou quando querem encontrar um amado tiram o Santo de seu nicho e o esfregam a valer. Muitas deixam-no dias inteiros dentro de cisternas. São os "excessos" da devoção. E o nicho fica vazio, mas, Santo Antônio volta mais limpo...

Estas são as usanças antonianas.

A 24 de junho celebre o agiologio cristão São João, o Precursor.

Nêste dia acendem-se fogueiras, come-se, principalmente, pinhão, melado, aipim, cará, batata doce e outras coisas mais "explosivas". E as casamenteiras e todos, enfim, não perdem tempo, querem ver o futuro. Tiram sorte. Pulam fogueira. E, tiritam de frio... dizem os cabôclos ser a noite mais fria do ano.

São Virgílio, bispo e mártir, padroeiro de Trento, na Itália, e de Nova-Trento, no Brasil, é festejado a 26 de junho.

O seu dia é de procissão, de barraquinhas, de muita festa.

São Pedro e São Paulo a 29 daquêle mesmo mês não tem os atractivos que têm os três santos anteriores.

Depois as festividades se esparrsam e só, prôpriamente, Finados e Natal é que se tornam festas folclóricas.

Como tradição de Finados que-
ro, aqui, anotar o Baile das Almas,
realizado na noite de 2 de novem-
bro, anualmente, na localidade de
São João Batista, município de Ti-
jucas, e que pela distância apenas
nove quilômetros — tem muita li-
gação com Nova-Trento.

Em Nova-Trento é costume se
dirigirem à noite ao cemitério lo-
cal e alí acenderem velas e passa-
rem a noite em orações... e con-
versas.

Enfim, a festa da Natividade de

Cristo — Natal, a maior festa da
Cristandade. Usam-se muito os
presépios. A tradição nêstes três
quartos de século tem permaneci-
do inalterável. O costume dos pre-
sépios que nossos ancestrais trou-
xeram da Itália continua, apesar
de ser ver, também, árvores de
Natal.

São estas — em síntese — as
persistências religiosas na tradi-
ção da população do meu céspede
natal — o município de Nova-
Trento.



Superstições e Crendices

O presente trabalho de autoria do ilustrado conterrâneo Comte. Lucas Alexandre Boiteux, é parte de uma sua contribuição ao 1º Congresso de História Catarinense e que aqui, divulgamos em primeira mão por nímia gentileza do nosso ilustre confrade desta Sub-Comissão, dr. Henrique da Silva Fontes, presidente daquele magno certame, com que se comemorou o bi-centenário do povoamento de Santa Catarina pelos casais açorenhos e madeirenses.

Lucas A. Boiteux

Varrer a casa de dentro para fó-
ra — pobreza

Varrer a casa à noite — doença

Saltar à rua pela janela — quem
o faz acaba ladrão

Ter quadros ou modelos de na-
vio, em casa — atrazo

Ter búzios e caramujos em casa
— molestias

Dar dinheiro pela janela — po-
breza

Construir casa em chão em que
outra existiu — infelicidade

Limpar a casa de negócio das
teias de aranha e paranhos —
maus negócios

Entrar em casa qualquer cão
desconhecido — moléstia.

Beber água no escuro — o diabo
entra na gente.

Desprender-se um quadro da pa-
rede — morte de parente.

Dar fogo a três pessoas na mes-
ma ocasião. — infelicidade

Negar água e fogo — atrazos de
vida.

As crianças brincarem de bata-
lhão — guerra próxima



Falar sósinho — o diabo mete-se
na conversa.

Dar à criança o nome do pai —
não passa dos 7 anos.

Torcer as roupas das crianças de peito — dá dor de barriga.

A mãe assistir ao batizado do filho — infelicidade.

A criança brincar com a própria sombra — moléstia.

A criança brincar com pente — defeca na cama.

O rato roer o umbigo da criança — vira ladrão.

Roupa de criança exposta ao luar — dor de barriga

Criança não chorar ao ser batizada — não se cria.

Senhora casada comer frutos in-conhos — gera gêmeos.

Mulher casada comer ovelheiro de galinha — prolifera.

Ventar forte no dia do casamento — marido mau.

Colocar a toalha na mesa do avesso — comida não satisfaz.

Derramar sal, azeite ou tinta — moléstia ou infelicidade.

Sacudir a toalha da mesa na rua — atrazo.

Contar as estrelas — nascem verrugas.

Dar nós nas tranças — morte próxima.

Galo cantar fora de horas — moça fugida.

Andar de costas — N. Sra. chora azar (M/obs.)

Apanhar de rabo de arraia — entizica.

Comer coração de galinha — fica-se medroso.

Benzer-se à 1ª badalada do sino — é a badalada do diabo.

Chamar pelo diabo em frente ao espelho — êle aparece.

Cuspir no fogo — entizica.

Vestir ou usar roupas do avesso — é-se falado

Vaca berrar depois do sol pôsto — morte.

Passar a ferro as meias — fica-se túberculoso.

Virar as cadeiras — atrazo para a casa.

Dormir com os pés voltados para a rua — morte.

Manter malas e baús abertos — cava-se a sepultura.

Dormir com as mãos cruzadas nas ancas — infelicidade.

Conservar três luzes acesas no mesmo compartimento — desgraça.

Usar fósforos de cêra — infelicidade.

Estar à mesa e deixar cair a comida — parente com fome.

Colocar dinheiro sobre a toalha da mesa — desgraça.

Moça limpar as mãos na barra do vestido — acaba sendo falada.

Moça comer a crosta do pão — não casará.

Guardar a roupa de uso do avesso — juízo virado.

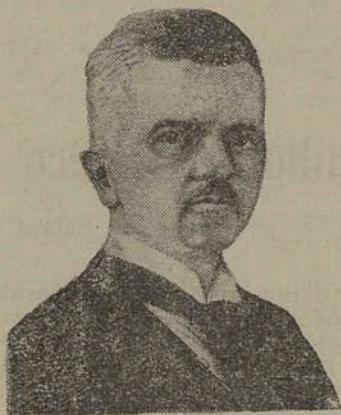
Sonhar com dentes caídos — morte de parente.

Deixar os chinelos virados — vira-se o juízo (morte, m/obs)

Sonhar com uvas brancas — lágrimas.

“Bandeira do Divino”

Dr. Plácido Gomes



Poucas tradições no Município apresentam tendência a se perpetuar, ou ainda a prolongar-se anos avante, como vimos com as danças e suas músicas.

Sobre tradições religiosas populares, ha a “Bandeira do Divino”, que ainda se vem comemorando em alguns povoados do Município, mas desmerecida do ânimo primitivo; e ha o “Pão de Deus”, mixto de invocação e de pedido de graças, que se endereçava ao próximo para aquisição de uma dádiva, também quasi em desuso, presentemente.

A civilização atual, em constante movimento de extinções e renovações, impiedosa, não se conforma com sentimentos pessoais.

O entrudo lembra outra tradição de aspécto social, que inteiramente se aniquilou para ceder lugar ao carnaval moderno, recolhido agora aos salões decorativos dos bailes de fantasia, com seus confetis, bisnagas, cordões e mascarados elegantes.

A “Bandeira do Divino”, ainda ha uma quarentena, se via perambular, zabumbando, nas cercanias da zona sul de Joinville, ás véspe-

ras dos festejos do Espírito Santo. Era tradição de nossos festeiros buscar a Bandeira para confiá-la a quem a conduzisse de casa em casa, a colher espórtulas para as solenizações festivas e os fogos de vista dessa quadra rumurosa dos fiéis. E nisto, aqui se repetiam as cenas habituais em todo o país. Compunha-se a Bandeira de um estandarte, forma de um pendão, em cujo cimo se aninhava uma pomba branca, em meio de um tufo de flores e laçadas frouxas, de onde desciam longas fitas de seda, multicores, que os fiéis visitados iam acrescentando de mais outras, no curso das visitas que recebiam. A Bandeira era levada á rua por um devoto, ladeado de um rabequista e de um tambor, postos a cantar e tocar na mesma cadência, em cujas curtas paradas estralejavam as baquetas na na borda do instrumento. A melodia era popular, invariável e monotona, mas original no tocado da rabeça, no soar do bombo e no canto a duas vozes dos que completavam o grupo, geralmente agregado de uns poucos de curiosos.

Todas as residências se abriam á visita das Bandeiras, com demonstrações de profundo respeito, baixando-se então na sala o topo do estandarte para que os da familia osculassem o emblema, momento de reverência que muitas donas cumpriam com lágrimas e exclamações de estoica devoção.

Durava semanas a caravana das Bandeiras, de porta em porta, e no percurso coletavam os meios necessários ao custeio das festas, que corriam por conta dos festeiros sorteados.

Com o tempo desmereceram de importância as Bandeiras, reprimidas pelos parocos e caíram de prestígio pelos sacrilegios que ás vezes cometiam.

Vocabulário de Consultório Médico

Oswaldo R. Cabral

Os termos abaixo relacionados foram colhidos em consultório médico, entre consulentes oriundos das zonas rural e praia de Santa Catarina. Muitos não serão exclusivos a essa zonas, serão talvez conhecidos em outros pontos. Mas a maioria, possivelmente, é de usança exclusiva dos mesmos.



ACIDENTE — Desmaio. — Frequentemente, ao referir-se o paciente ter sofrido um desmaio, diz que “teve um acidente”.

ACOSTUMADO — (ou costumado) — Menstruação. “O meu acostumado não vem certo”, “o meu acostumado vem demais”, são expressões usadas para explicar as perturbações menstruais.

ASSISTIDA — menstruada.

ADUELA — Costela.

ALOJAR — (ou alujar) — Vomitar. A expressão é conhecida, também, em Minas Gerais (Peq. Dicionário Brasileiro da Língua portuguesa).

AR — Paralisia. “Deu o ar” — ficou paralítico ou hemiplégico. Paralisia facial.

BICHAS — Parasitos intestinais. “Ter bichas” = estar atacado de verminose. Ataque de bichas — convulsões.

BOCA DO ESTÔMAGO — Epigastro.

CADEIRAS — Região lombar.

COBREIRO — (ou côbro, ou cobrelo) — Herpes.

CONSTIPAÇÃO — Resfriado.

COROTO — Testículo.

DESMANCHO — Aborto.

DESPACHAR — Evacuar o intestino. “O doente despachou bem” — evacuou convenientemente.

DESTRAVAR — Cortar o freio da língua. “Este menino é travado, quero que o sr. destrave”...

DESTRONCAR — Luxar. — “Estava com o braço destroncado” = estava com uma das articulações do braço luxada.

EMBUCHO — Engasgo.

EMPALAMADO — Anêmico.

ENCANAR — Reduzir. “Encanar o osso” — Reduzir uma fratura.

ENCARANGADO — encolhido.

FAZER SERVIÇO — Evacuar, exonerar os intestinos. “Ele não faz o serviço todos os dias” = ele não evacua diariamente. (Também usam: “ir aos pés” e “operar”).

FERIDA — Úlcera. “Fulano tem uma ferida — fulano tem uma úlcera.”

FEBRE — Malária. “Ele tem febre” = ele está com a malária.

FLATO — Meteorismo intestinal. Dores difusas e passageiras.

FONTES — Têmporas (usado noutras regiões).

FRACO — Tuberculoso. “Fulano está fraco” = Fulano está tuberculoso, tísico...

GASTURA — Sensação de vazio no estômago. Dispepsia.

GARRÃO — Tendão de Aquiles.

HEMORROIDA — Constipação de ventre.

INCHUME — Edema.

INTANGUIDO — Mal desenvolvido. “Este menino é muito intanguinho” = está mal desenvolvido”.

JUNTA — articulação.

LAMBEDOR — Xarope.

LEVEZA NA CABEÇA — Ton-turas.

LICENSO — (ou locenso) — fleimão, abcesso.

MÃE DO CORPO — Útero, madre, matriz.

NATUREZA — Órgãos genitais.

NERVO TORTO — Entorse, torcicolo.

OCUPADA — Grávida — “Eu estou ocupada de 4 meses”).

PALETA — Omoplata.

PARTES — Órgão genitais.

PONTADA — Pneumonia. “Fulano está com a pontada” = Fulano está com pneumonia”.

PISADURA — Ferimento.

QUEBRADURA — Hérnia. “Fulano está quebrado” = “é portador de uma hérnia.

RENDIDURA — Hérnia. “Fulano está rendido” = está herniado.

SANGRADOR — Região supra clavicular.

SAUDE — Menstruação.

SOLTURA — Diarréia.

SUJIDADE — Excremento. Fézes.

TRIZA — Icterícia.

UNHEIRO — Pañarício sub-ungueal.

VÃO — Hipocôndrio, flanco. — “Dor no vão” = dor no flanco ou no hipocôndrio”.

VIA — Reto. “Pôs a via para fora” = Prolapso retal”.

VIUVO — Terçól. (Hordéolo).

VIRILHAS — Região inguinal.

ZIPRA — Erisipela.

INQUÉRITOS

Pelos Municípios Catarinenses

III — CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Colaboração da 1ª DIVISÃO
TÉCNICA DO DEPARTAMENTO
ESTADUAL DE
ESTATÍSTICA (Secção de
Publicidade)

Empenhados em divulgar o que conseguiu o DEE com os inquéritos demológicos, a respeito de crendices e superstições, transcrevemos, neste número, o material coletado pelos Srs. agentes municipais de estatística de São Francisco, Joinvile e Criciúma.

É nossa preocupação publicar dados referentes às diversas regiões do Estado, para que se tenha ideia de como se apresentam, ainda, no inconsciente da nossa população, êsses costumes, cuja prática em determinadas camadas sociais é assunto digno de estudo.

Observamos que as benzeduras e outras crendices usadas, quando se faz substituir segundo Roger Bastide, com rezas, cantos e danças o médico e o cura distantes, têm formas notáveis em nosso Estado. Daí o nosso interesse em divulgá-las. E o fazemos, com satisfação, por intermédio do Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

São Francisco do Sul

Já estiveram em voga e, hoje, se acham desaparecidos das crendices populares: a) o lobis homem, que às noites de sextas-feiras representa-

do num porco, percorria as ruas afastadas, acuado por cães; b) o boitatá grande pássaro noturno que aparecia, circundado, de fogo, tornando-se o pavor dos viandantes e notivagos; c) a bruxa-figura de megera, que se alimentava do sangue das crianças. d) prática de magia negra, mula-sem-cabeça e outras.

Dentre as superstições, é comum a prevenção contra o número treze, gatos pretos, pintar navios à vela e animais empalhados.

Joinvile

Não se encontram em Joinvile, tabús alimentares dignos de menção. Quanto ao curandeirismo, que aqui se registra sem muita frequência, decorre de dificuldade econômicas ou de situações desesperadoras, não sendo propensa a população de modo geral, a se valer d'êsses recursos.

As superstições, comuns a outras terras, como temer gatos pretos, não entrar em casa com o pé esquerdo, a mula sem cabeça, o saci pererê, o minhoção, etc. não têm aqui a menor significação. Anedotas ou lendas baseadas em supers-

tições também não são encontradas. É, entretanto, necessário salientar o fato importante de que, falando grande parte da população o idioma alemão os lares e mesmo em outros lugares, talvez existam anedotas e expressões outras, cujas traduções são desconhecidas.

Criciúma

O povo criciumense mantém bem viva uma série de superstições e crendices, das quais enumeramos algumas.

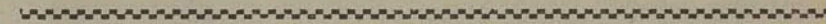
a) Acender tres cigarros, com uma só chama, fará com que o possuidor do terceiro morra em primeiro lugar.

b) Ver dois urubus no telhado é sinal de desgosto.

c) Tres urubús juntos significam sorte.

No que diz respeito às crendices, registam-se no município fatos interessantes e mesmo curas notáveis. Há na cidade de Criciúma célebre curandeira, cuja alcunha a caracterizou dentre o povo — a Jonas. Apesar de muitos rirem das suas benzeduras, sua casa está diárricamente cheia de curiosos, que junto a mesma, buscam cura milagrosa.

Seguem-se algumas das rezas comumente usadas no município, para combate de diversos males.



“CONTRA DÔR DE DENTE E DÔR DE CABEÇA”

“Sangue ponho-te em ti, como Deus o pôs em si,

Sangue ponho-te nas veias, como Deus o pôs na ceia,

Sangue ponho-te no corpo, como Deus o pôs no horto,

Que esta dôr desapareça do teu corpo, em nome de Deus e da Virgem Maria”.

“PARA CURAR-SE DE BERRUGAS”

“Lua, a minha berruga disse que morras tu e viva ela,

Mas, eu digo vivas tu e morra ela” (Repetir 3 vezes)

“CONTRA DÔR DE DENTE”

“Dente são,
dente são,
Santo Antão,
Santo Antão,
Toma êste dente podre
e me volta um são”.

(No caso de extração do dente, deve êste ser lançado ao telhado da casa).

“PARA CURA DE BICHEIRA EM ANIMAIS”

“Assim como a mulher do padre não assiste à missa inteira,

Assim cairão todos os bichos desta bicheira”. (Deve o benzedor conhecer a côr do pelo do animal e, mais ou menos, a direção em que o mesmo se encontra).

FLAGRANTES FOLCLÓRICOS

Alegria triste e tristeza alegre!...

Hdefonso Juvenal

Os usos e costumes do povo, são, por vezes, tão extravagantes em diversas regiões do nosso e outros Estados, que causam pasmo a quem os desconhecendo, tem ocasião de os verificar pela vez primeira.

Em uma das nossas viagens ao sul do Estado, deparou-se-nos a tristeza envolvendo um dos acontecimentos mais alegres e satisfatórios na vida de uma família: o casamento, pois, todos nêle antevêm as mais gratas felicidades, com a constituição de um novo lar, conseqüente sempre de uma trama afetiva e silenciosa de amor, por ambos os nubentes sinceramente tecida, o advento da prole, enchendo o lar das mais efusivas alegrias. Pois assistimos a um casamento triste, completamente diferente dos que se realizam nos centros de colonização alemã ou polaca. Tanto o alemão como o polaco, festejam ruidosamente o casamento: Carretas enfeitadas, cheias de convidados, por vezes antecipadamente encervejados, formando extenso cortejo, seguem em demanda da igreja, ao espoucar dos foguetes e ao som das sanfonas. Os noivos vão ali, naquele meio, felizes e sorridentes, ajudando a pagodeira. E depois do **conjuo-vobis**, ao regres-



sarem a casa, a farta comedoria e as dansas prolongadas, coroando a solenidade.

Aquele casamento em Urussanga, — tal era o lugar, — realizou-se pela manhã. Às 7 horas, quando o vigário ainda dormia, quem olhasse para o adro da igreja matriz da cidade, verificaria que ali se encontrava uma moça, toda de branco vestida, tendo à cabeça um véo de alvinitente alvura, prendido por uma corôa de flores de laranjeira e nas mãos enluvadas, um ramo de brancas rosas.

Encontrava-se entre dois homens de preto vestidos: um era o noivo e o outro talvez o pai ou um dos

padrinhos. Estavam todos mudos, taciturnos, não dando nenhum dêles, mostras de alegria pelo acontecimento.

Uma hora depois chegou o vigário, a porta da igreja foi aberta, os noivos e outras pessoas, (agora o número era maior), entraram, o ato fora realizado, e todos se foram embora, a pé, para a residência do novo casal, que ficava a uns 3 quilômetros distantes, ou para as suas casas, passando os noivos e acompanhantes, sorumbaticos, indiferentes, algo tristonhos, ante o indiferentismo dos que vinham para as compras e os que iam para o trabalho da lavoura ou outros afazeres.

Seria aquele um caso a parte? Não, absolutamente não. O casamento entre os de origem italiana, não é alegre e festivo, em muitas colonias, como o é entre os de outras nacionalidades. O que pode acontecer de anormal, e é muito comum, é depois do ato, comerem todos, suculenta macarronada, regada a bom vinho, e os nubentes e convidados, beberem demasiadamente. Aí então, por vezes a alegria surge em forma de cantoria, em que todos cantam sem harmonizar o canto...

Neste articular o alemão e o polaco são mais alegres, fazendo do casamento motivo de grandes folgedos, tornando o acontecimento memorável.

Os convidados para participarem das solenidades, são obrigados a abandonar a tristeza, como o folião nos meios carnavalescos.

*
**

No dia seguinte, rumámos para Cresciama, a cidade do Carvão, cidade que gozava a fama de ser a primeira no Brasil, de maior índice de mortalidade infantil, hoje, felizmente decrescida, dada as providências no sentido do abastecimento de água potável, por meio da rede de canalização, e consequente depuração química, ao en-vés da água de poços, saturada de

carvão, com que se abastecia a população pobre, e a proibição do trabalho da escolha do carvão pelas mulheres no período de aleitamento dos filhos, que sugavam com o leite materno detritos de carvão.

Ao desembarcarmos, deparou-se-nos uma alegre passeata de crianças. Trinta ou quarenta crianças, empunhando bandeirolas multicores, que drapejavam ao vento, caminhavam em festiva algazarra, em direção à igreja local.

Que iam fazer aquelas crianças no templo de Deus?!

Iam "encomendar" o corpo de outra criança como elas, falecida no dia anterior.

E ali, no meio delas, em um pequeno esquife, o pequenino morto!

Que alegria para todas, levarem o irmãosinho para o campo santo!

Por último, fechando o cortejo e zelando pela ordem no préstito, o pai do inocentinho, também semblante alegre, como se a morte de um filho querido, fosse um prazer!

Entretanto, não se podia desvendar o que lhe ia na alma...

É que existe ainda viva e forte no coração do povo, a crença de que uma criança que morre, é mais um anjo para a côrte de Deus, nas celestiais alturas; porisso, festeja-se a subida de mais um anjo para os céus!...

E a mãe daquela criancinha? Teria ficado em casa com o coração embandeirado como o daqueles pequeninos que lhe acompanhavam o filho morto?

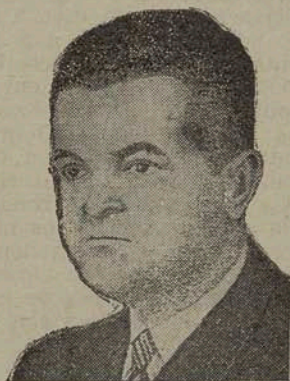
Não; a crença pode ser mui forte, a tradição, o habito, o costume do povo poderia ser aquele, mas se prescrutássemos atentamente o coração daquela mãe, se olhássemos fixamente para o seu interior, verificaríamos que, ao envez de embandeirado, êle estaria envolto em crêpe, porque a tradição pode alentar um coração, mas não consegue transformar os seus sentimentos.

Uma "Simpatia" que tem dado certo!

Zedar Perfeito da Silva

Com um pouco de atraso, o trem chegou à estação de Piratuba, à noite de sábado, de 25 de fevereiro último. Fui para o hotel e só na manhã de domingo saí para conhecer a cidade. Entrei em contato com o sr. Adolfo Heinz, Gerente do Banco INCO, que logo me apresentou ao sr. Anildo Freitag. Este convidou-me para o churrasco em sua casa, em honra do batizado de seu caçula. Lá, conheci muitas pessoas da sociedade local e o seu velho pai, Leopoldo Freitag, que é um dos grandes pioneiros do município.

Após o churrasco e uma boa palestra, onde nunca faltou a cerveja gelada, fomos de camionete até o rio Pelotas assistir à pesquisa que se estava fazendo para descobrir o corpo do infeliz chofer de um caminhão de carga, que trazia a placa do município vizinho gaúcho: Lagoa Vermelha. O veículo, carregado de sacos de batatinha, ao descer a balsa, do lado de Piratuba, devido à ponta do eixo trazeira quebrada, foi pela balsa a dentro para o fundo do rio. O chofer, sabendo que era impossível freiar o caminhão, gritou com os balseiros que se afastassem e jogou-o ao rio para evitar maior prejuízo. A verdade é que saiu do caminhão, porque quando foi retirado o veículo do fundo do rio o corpo não apareceu. Nessa ocasião,



ficou constatada a quebra da ponta do eixo trazeira.

Chegamos lá na hora em que o movimento de busca era mais intenso. De vez em quando, chegavam ônibus repletos de curiosos. Havia cinco canoas e a lancha a motor da balsa procurando, com ganchos e anzóis, fisgar o corpo do infeliz. Vez ou outra, eram erguidos sacos com batatinha. A multidão ociosa, que discutia os prós e os contras da busca, dividida pela suposição de que o cadaver descera o rio ou que se encontrava em baixo da carga, vibrava quando algum saco era pescado. Como sempre acontece nessas oportunidades, poucos trabalhavam e muitos davam ordem. A garrafa

de cachaça passava de mão em mão, onde se notava o espírito generoso de seus donos.

Mais ou menos às quatro horas da tarde, ouvi de diversas pessoas a confirmação de que o corpo seria encontrado. Por que? Porque, na balsa, do lado do distrito de Machadinho, vinha vindo a Bandeira do Divino. Atravessado o rio Pelotas, a Bandeira do Divino, alçada por um senhor, foi levada a uma canoa, que se afastou da margem conduzindo três pessoas. Aquele que conduzia a Bandeira do Divino, após lançar ao rio um taboinha com três velas acesas, começou a chamar em voz alta pelo nome do defunto. A taboinha começou a circumnavegar nas proximidades em que o caminhão afundara com a carga.

Eu estava convencido de que o corpo, já inchado, tinha descido na véspera o rio. Mas, a verdade, é que a taboinha não saíra daquele círculo. O nosso grupo tomou a lancha a motor e fomos investigar pelas margens, na parte navegável. Tudo em vão. No dia seguinte, madrugada ainda, após se-

rem erguidos cinco sacos de batatinha, o corpo boiou justamente no local aonde circumnavegou a taboinha, que levava as três velas acesas!

Uma surpreendente coincidência, não resta dúvida. Conversando depois com o sr. Frederico Poy Filho, Prefeito Municipal de Piratuba, contei-lhe da minha admiração e perguntei-lhe como se explicava o acontecido. Respondeu-me que não havia explicação mas que sempre acontece assim. Ele mesmo, há seis meses, assistira a outro fato idêntico. Mais surpreso ainda, fui procurar o sr. Leopoldo Freitag, que é um dos habitantes mais antigos dali, o qual me esclareceu que sempre que não se encontra o corpo do afogado o povo apela para aquela simpatia e dá certo.

Deixo consignado o fato para que os nossos folcloristas o registrem se para tal fôr julgado digno.

(Trecho da apresentação do livro OESTE CATARINENSE, em preparo).

COLABORE COM A SUB-COMISSÃO. ENVIE-LHE AS SUAS OBSERVAÇÕES.

A SUA COLABORAÇÃO SERÁ PUBLICADA NO BOLETIM DE DEZEMBRO SE CHEGAR A TEMPO.

NOTAS E FATOS

Um assunto que despertou interesse

O Professor Carlos Stelfeld, da Sub-Comissão Paranaense de Folclore publicou no Documentário da Comissão Nacional, há tempos, um trabalho sobre a setra e a funda.

Na Sub-Comissão Catarinense, o dr. Oswaldo R. Cabral fez uma apreciação sobre o aludido trabalho e publicou, no nº 1 do nosso Boletim Trimestral uma comunicação intitulada A SETRA, A FUNDA E O BODOQUE.

Interessando-se pelo assunto, a dra. Hildegardes Cantolino Viana, da Sub-Comissão Bahiana, publicou um outro comunicado, desta vez fazendo referências aos trabalhos anteriores, comunicação que foi transcrita no nosso Boletim Trimestral.

Agora queremos ter o prazer de transcrever a comunicação do confrade FLORIVAL SERAINE, da Sub-Comissão Cearense (Documentário da Comissão Nacional nº 136).

SETRA, FUNDA, BODOQUE, BALADEIRA — Comunicação à CNFL POR FLORIVAL SERAINE (da Sub-Comissão cearense)

A velha Praça dos Voluntários, com suas castanholeiras e mon-gubeiras tradicionais, era o cenário predileto de nossas brincadeiras infantís. Os **comboieiros**, vindos do interior do Estado com tropas de alimárias carregadas de gêneros alimentícios, era lá que “se arranchavam”, enchendo-a às vezes quasi completamente. E era lá, também, que se achava o antigo Liceu do Ceará, de que se ocupa Gustavo Barroso em um de seus livros de memórias.

Nossos brinquedos habituais eram, aí por volta de 1917 ou 1918, a **onça ou a dama**, que riscávamos à giz ou carvão nas calçadas e jogávamos com pedrinhas, botões ou pequenos búzios; a **cabicinha ou cabiculinha** que em outros Estados recebe a denominação de **gude**; a **peteca**, geralmente feita de palhas de milho e recheada de pano ou algodão; um movimentado jogo, conhecido então por **amarelo**, em o qual os parceiros, impelindo em um só ds pés, aos saltos, uma pedrinha chata ou pedaço de mosaico, visavam colocá-los dentro de uns quadrados, feitos a giz ou carvão na calçada, numerados em sé-

rie, dispostos em dupla fileira, e encimados por uma área semicircular, cujo acesso em primeiro lugar atribuía a vitória aquele que o lograsse.

Também usávamos a **baladeira**, para matar passarinhos, derrubar castanholas ou outros frutos. Nenhuma diferença entre ela e o objeto que na Bahia recebe o nome de **badogue** ou **bodogue** (corrução de **bodoque**), e ao Sul (Paraná e Santa Catarina) o de **setra**. **Baladeira** foi a única designação que sempre encontrei em Fortaleza para o objeto aqui focalizado. **Baladeira** que, nas mãos de um garoto urbano, continua sendo grave perigo para as vidraças das residências, tão grave quanto as **bolas de pano**, quasi sempre fabricadas de meias, com que a meninada praticava, e ainda hoje pratica, quotidianamente, o foot-ball em certas ruas de Fortaleza, antes de poder jogar com as bolas de borracha ou couro.

Baladeira é, pois, sinônimo de **bodoque**, **setra**, **estilingue**, **atiradeira**, **funã**, **schloida**. Seria destarte, curiosa uma carta folclórica do citado objeto ou arma infantil, em nosso vasto território. Aí fica a sugestão, que **poderá** ser aproveitada com relação a diversos objetos ou coisas, designados diferentemente em alguns Estados nacionais. Influências étnicas e outras, no setor da linguagem, encontrariam assim um caminho, decerto aproveitável, para o seu esclarecimento. **Baladeira** é, sem dúvida, brasileiro autêntico, formação sufixal nova, que os léxicos portugueses, desde os de Moraes, Frei Domingos e Aulete, não registam. Em seu processo semântico na capital cearense, devem ressaltar-se as idéias de arma e projétil que andaram associadas ao conceito primitivo do objeto. Bala é termo que, no Ceará, é empregado comumente na acepção do "projétil com que se carregam armas de fogo".

A SUB-COMISSÃO solicita dos Srs. Correspondentes:

A COLHEITA E REMESSA de termos regionais e vocábulos comumente nas zonas em que residem, com a sua significação. Este Boletim já publicou, e podem servir de modelo, um trabalho de Euclides José Felipe (nº2), outro do Pe. Alvinho Bertoldo Braun (nº3) e no presente número publica um do secretário geral da sub-comissão.

(Sugestão do Prof. Custódio Campos aprovada em sessão de 1º de abril do corrente ano).

Notas de Folclore

A REVISTA "Vida Nova", esplêndida realização de Waldemar Luz, que se edita em Joinvile, em seu número de fevereiro do corrente ano, publica uma interessante reportagem sôbre um poeta repentista, Reinaldo Massaneiro, de 78 anos de idade, residente em Barra Velha, no Município de Araquarí, e pessoa bastante conhecida nos Municípios visinhos.

Massaneiro, em improviso que dirigiu ao redator da citada revista, recitou uma quadrinha de "Pão por Deus", do "seu tempo", quadrinha que merece registro uma vez que, segunda afirma o poeta, era conhecida desde a sua infância. A quadrinha é a seguinte, que oferecemos aos colecionadores destas joias da nossa poesia folclórica:

Depõe, primeiramente o poeta repentista:

"Vem depois o mês de outubro
A entrada do verão,
Não se vencia escrever
Versinhos de coração

A noiva mandava ao noivo
Um coração enfeitado
Com o seguinte versinho,
Escutem bem o recado:

E, agora, a quadrinha:

"Vai aí meu coração
A pagar não te obrigo
Se não mandar o "pão por Deus"
Tambem não caso contigo".

*

A pesquisa de material folclórico apresenta, às vezes, uns aspectos interessantes e inesperados. Um deles vamos narrar:

Em seu número do mez de agosto de 1949, a revista "AMERICAS", da União Pan Americana, publicou um artigo de Juan Liscano intitulado "Voz de Um Povo" em que narra aspectos do folclore venezuelano. Cita uma delicada décima colhida em 1938, nas proximidades de Caracas e que é a seguinte:

En esa edad transitória
Edad que nunca se olvida,
Quando es un sueño la vida
De amor, ilusión y glória,
Recuerdo que tú memória
Guarda, fiel, el alma mía;
El corazón lo tenía
Rebosado de ventura
Y te acuerdes con qué ternura
Me quisiste, prenda mia.

Em o número de outubro da mesma revista, o dr. Enrique G. Matta, de Porto Rico, escreve uma carta, informando que conhecia há mais de 55 anos, uma décima semelhante:

En esa edad transitória,
Edad que nunca se olvida,
Quando es un sueño la vida
De amor, ilusión y glória;
Esa edad cuya memoria
Guarda, fiel, el alma mia,
Quando el corazón latia
Rebosante de ventura;
Recuerda con qué ternura
Me quisiste — y te queria.

Não deporá esta belíssima décima em favor de um estreito parentesco entre o folclore da Venezuela e o de Porto-Rico ?

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos membros existentes em 1950

Nomes	Endereço
Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral)	R. Esteves Júnior, 138
Almir Caldeira de Andrade, (Secretário)	Av. Hercílio Luz, 127
Altino Flores	R. Feliciano Nunes Pires
Alvaro Tolentino de Souza	R. Vidal Ramos, 50
Antônio Nunes Varela	R. José Jaques, 4
Antônio Taulois de Mesquita	R. Esteves Júnior
Aroldo Caldeira	R. Brigadeiro Silva Pais
Aroldo Carneiro de Carvalho	Assembléia Legislativa
Bento Aguedo Vieira	R. Crispim Mira, 89
Carlos Büchele Júnior	Dep. de Geogr. e Geologia
Carlos da Costa Pereira	R. Anita Garibaldi
Custódio de Campos	Av. Mauro Ramos
Doralécio Soares	Imprensa Oficial
Elpídio Barbosa	Av. Hercílio Luz, 131
Henrique da Silva Fontes	Av. Trompowsky, 14
Henrique Stodieck	R. Saldanho Marinho, 30
Hermes Guedes da Fonseca	Assembléia Legislativa
Ildefonso Juvenal	R. Bocaiuva, 214
João A. Sena	R. D. Jaime Câmara, 37
João Crisóstomo de Paiva	R. 24 de Maio, 467 — Estreito
João dos Santos Areão	R. D. Jaime Câmara, 11
José Cordeiro	R. Rafael Bandeira, 35 A
Martinho de Haro	R. Altamiro Guimarães
Manoel Soares de Azevedo Maia	R. Conselheiro Mafra, 93
Oswaldo F. de Melo (filho)	Travessa Urussanga, 6
Othon d'Eça	Av. Mauro Ramos, 120
Percival Calado Flores	R. Feliciano Nunes Pires
Plínio Franzoni Júnior	R. Delminda Silveira, 173
Pedro José Bosco	Rua Lajes, 60
Roberto Lacerda	Dep. Estadual de Estatística
Victor A. Peluso Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Walter F. Piazza	R. Tte. Silveira, 35
Wilmar Dias	R. Esteves Júnior, 47

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos Representantes Municipais

Nomes	Municipais
Alírio Barreto Bossle	Palhoça (Sto. Amaro)
Alda Moeller	S. Bento do Sul
Antônio Lúcio	Caçador
Carlos Blumenberg	Urussanga
Cid Gonzaga	Caçador
Danilo Tiago de Castro	Lajes
Euclides José Felipe	Curitibanos
Francisco Machado de Souza .	S. Francisco do Sul
Frei E. Ermendoerfer O. F. M.	Blumenau
Hermínio Millis	Pôrto União
Jefferson Davis de Paula	Jaraguá do Sul
João Caruso Mac Donald	Urussanga
João Reitz (Padre)	Araranguá (Sombrio)
José da Luz Fontes	Ibirama
José Medeiros Vieira	Itajaí
Lauro Müller	Brusque
Lupércio Lopes	Palhoça
Manoel Deodoro de Carvalho .	S. Francisco do Sul
Mário Souza	Lajes
Montesuma Guaraní de Carva-	
lho	Imaruf
Nerêu Corrêa	Itajaí
Neusa Nunes	Tubarão
Norberto Bachmann	Joinville
Norberto Silveira Júnior	Itajaí
Otaviano Ramos	São José
Orlando Ferreira de Melo	Blumenau
Osiás Guimarães	Blumenau
Paula Malta Ferraz	Blumenau
Plácido Gomes	Joinville
Plácido Olímpio de Oliveira ...	Joinville
Rogério Fagundes	Campos Novos
Romeu Boiteux Piazza	Nova Trento
Romeu Sebastião Neves	Lajes
Ruben Ulisséa	Laguna
Teobaldo Costa Jamundá	Indaial
Trajano Souza	Lajes
Vitor Mendes	Ibirama
Walter Tenório Cavalcanti	Curitibanos

AVISO IMPORTANTE

Aos nossos correspondentes, Srs. Agentes de Estatística, estudiosos, jornalistas e a quantos se interessam pelos estudos folclóricos e pelas tradições da nossa terra.

O BOLETIM TRIMESTRAL DA SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE DO MÊS DE DEZEMBRO DO CORRENTE ANO SERÁ CONSAGRADO EXCLUSIVAMENTE ÀS FESTAS POPULARES DO NATAL E DO CICLO NATALINO (ANO BOM E REIS)

MANDE-NOS CONTAR COMO SE COMEMORAM ESTAS FESTAS NO LUGAR EM QUE RESIDE, NA ZONA EM QUE HABITA.

ESCREVA TUDO O QUE OBSERVAR. CONTE-NOS OS COSTUMES TRADICIONAIS QUE APRECIAR. COPIE A LETRA E, SE POSSIVEL, A MUSICA DOS CANTOS DE NATAL QUE SÃO CONHECIDOS NA REGIÃO.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

O número de setembro de 1950, que será o de aniversário deste BOLETIM, contará com a colaboração de: Renâto Almeida, Henrique da Silva Fontes, Altino Flores, Carreiro da Costa (Açores), Lucas A. Boiteux, Vitor Peluso Jr., Pe. Alvino Bertoldo Braun, José Cordeiro, Maria de Lourdes Henriques, Carlos da Costa Pereira, Alvaro Tolentino de Sousa, Herminio Millis, Jaldir Faustino da Silva, Neusa Nunes, Doralécio Soares e outros colaboradores.

A Capa será um magnífico desenho de Péricles Silva.

A Sub-Comissão acha-se empenhada em recolher material para dedicar o número de dezembro ao ciclo das festas natalinas, esperando contar com o apoio de todos os correspondentes e membros da Sub-Comissão.